



DESIGN E PATRIMÔNIO CEMITERIAL:

tipografias e imagens
nos cemitérios dos
ingleses no Nordeste

Bruno Vieira da Silva

Campina Grande - 2023

Bruno Vieira da Silva

DESIGN E PATRIMÔNIO CEMITERIAL: tipografias e imagens nos cemitérios dos ingleses no Nordeste

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de Mestre em Design.

Linha de Pesquisa: Informação, Comunicação e Cultura.

Orientador: Prof. PhD. Wellington Gomes de Medeiros.

Financiamento: CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Campina Grande, PB
2023

S586d

Silva, Bruno Vieira da.

Design e patrimônio cemiterial: tipografias e imagens nos cemitérios dos ingleses no Nordeste / Bruno Vieira da Silva. - Campina Grande, 2023.

109 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia, 2023.

"Orientação: Prof. Dr. Wellington Gomes de Medeiros."

Referências.

1. Design de Produto. 2. Paisagem Tipográfica. 3. Memória Gráfica. 4. Cemitério. 5. Estilos Tipográficos. I. Medeiros, Wellington Gomes de. II. Título.

CDU 7.05(043)

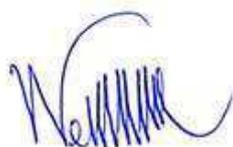
Bruno Vieira da Silva

**DESIGN E PATRIMÔNIO CEMITERIAL: tipografias e imagens
nos cemitérios dos ingleses no Nordeste**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção do título de Mestre em Design.

Aprovado em: 26/06/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. PhD. Wellington Gomes de Medeiros
Orientador / Universidade Federal de Campina Grande



Prof.^a. Dra. Ingrid Moura Wanderley
Examinadora Interna / Universidade Federal de Campina Grande



Prof.^a. Dra. Maria de Fátima Waechter Finizola
Examinadora Externa / Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

À minha família, que se esforçou em me ajudar durante o mestrado, me acompanhando nas visitas aos cemitérios.

À Rapha e Xavier, que tanto me ouviram falar sobre cemitérios, me enviavam referências, me incentivaram, ainda durante a graduação. Agradeço-lhes pelas longas noites de conversas.

Ao Cleiton, que me deu ânimo não apenas na conclusão, mas também para seguir em novas etapas.

Às professoras Fátima Finizola e Ingrid Wanderley, por aceitarem o convite de participação na banca, trazendo suas contribuições.

Ao meu orientador, Wellington de Medeiros, que abraçou meu projeto, com inúmeras contribuições que levarei em diante.

Aos professores da UFCG, Carla Pereira, Camila Assis, Itamar Silva, Juscelino Maribondo, por suas contribuições durante as disciplinas e o estágio docência.

Aos colegas da turma do mestrado, pelos tantos diálogos, mesmo a distância.

À professora Ferdi (Fernanda Henriques), pelas tantas sugestões em sua disciplina, que cursei como aluno especial na UNESP.

Agradeço à secretária do PPG Design da UFCG, Gil, que desde o início do curso se mostrou muito prestativa em ajudar em quaisquer dúvidas e processos do mestrado.

Aos funcionários dos Cemitério dos Ingleses, em Recife e Salvador, pela disponibilidade em me receber durante as visitas.

À ABEC, que foi referência por seus trabalhos publicados, fortalecendo, cada vez mais, os estudos sobre cemitérios no Brasil.

À CAPES, pela bolsa concedida.

“A vida é curta, mas as emoções que podemos deixar duram uma eternidade”.

Clarisse Lispector.

SILVA, Bruno Vieira da. **Design e Patrimônio Cemiterial**: tipografias e imagens nos cemitérios dos ingleses no Nordeste. 2023. 109 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2023.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar os atributos visuais e os significados em imagens e tipografias nos túmulos dos cemitérios dos ingleses, nas cidades de Recife, em Pernambuco, e na cidade de Salvador, na Bahia. Como aporte metodológico, foi realizado estudo de caso e pesquisa de campo, por meio de fichas elaboradas para a coleta e análise gráfica. As fichas são compostas por informações que descrevem o estilo tipográfico, sua composição e disposição nos túmulos, assim como a caracterização das imagens e expressões gravadas, como os epitáfios. Os resultados descrevem os estilos tipográficos encontrados em ambos os cemitérios, assim como a recorrência destes estilos. Notou-se diferenças no uso das tipografias entre o século XIX e XX, assim como também foi possível observar as diferenças e semelhanças entre os dois cemitérios. Quanto às imagens, contabilizaram-se inúmeras representações de flores, objetos e representações simbólicas que correspondem à presença de judeus e maçons. Além disso, o resultado mostra como essas imagens identificam os indivíduos: representações de características enquanto em vida, como religião e profissão; imagens de morte, como também de tristeza ou esperança na vida eterna, por vezes reforçadas pela narrativa dos epitáfios. O estudo concluiu que os espaços funerários dos ingleses no Nordeste do Brasil apresentam vasta representação imagética, na qual são atribuídos diferentes significados, mas que não se restringem apenas à cultura inglesa, mas à presença de diferentes nacionalidades que compõem ambos os cemitérios, apresentando diferentes formas de se comunicar, e que estas linguagens gráficas sofreram mudanças, assim como a preferência pelos estilos tipográficos se modificou ao longo do tempo.

Palavras-chave: Paisagem Tipográfica; Memória Gráfica; Design; Cemitério.

SILVA, Bruno Vieira da. **Design and Cemetery Heritage: typography and images in English cemeteries in the Northeast.** 2023. 109 f. Dissertation (Master in Design) - Federal University of Campina Grande, Campina Grande, 2023.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the visual attributes and meanings in images and typography at the tombs of the Englishmen's Cemetery, in the cities of Recife, Pernambuco, and Salvador, Bahia. As a methodological contribution, a case study and field research were carried out through sheets prepared for the collection and graphic analysis. The sheets are composed of information describing the typographic style, composition, and arrangement of the tombs, as well as the characterization of the engraved images and expressions, such as epitaphs. The results describe the typographic styles found in both cemeteries, as well as the recurrence of these styles, in which we noted differences in the use of typography between the nineteenth and twentieth century, as well as it was also possible to observe the differences and similarities between the two cemeteries. As for the images, numerous representations of flowers, objects, and symbolic representations corresponding to the presence of Jews and Masons were counted. Moreover, the result shows how these images identify individuals: representations of characteristics while in life, such as religion and profession; images of death, as well as of sadness or hope in eternal life, sometimes reinforced by the narrative of the epitaphs. The study concluded that the funerary spaces of the English in Northeastern Brazil present a vast image representation, in which different meanings are attributed, but that it is not restricted only to the English culture, but to the presence of different nationalities that compose both cemeteries, presenting different ways of communicating, and that these graphic languages have undergone changes, as well as the preference of typographic styles have changed over time.

Keywords: Typographic Landscape; Graphic Memory; Design; Cemetery.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Comunicação visual e as suas categorias	21
Figura 2: Urnas funerárias indígenas do povo Marajoara no Museu de Arte de São Paulo e no Museu do Estado de Pernambuco	23
Figura 3: Pintura “Os vivos passeiam sobre os mortos”	25
Figura 4: Lápides em igreja na primeira metade do século XVIII no Brasil	26
Figura 5: Jazigo em igreja católica do século XIX	27
Figura 6: Evolução da inumação no Brasil	28
Figura 7: Mapa do Cemitério dos Ingleses e Santo Amaro	30
Figura 8: Entrada do Cemitério dos Ingleses	30
Figura 9: Ala superior e inferior do Cemitério dos Ingleses de Salvador	31
Figura 10: Concentração de túmulos infantis em Recife	32
Figura 11: Livros de tipografia na paisagem urbana	35
Figura 12: Tipografia vernacular na Feira de Caruaru-PE	38
Figura 13: Tipografia arquitetônica em Caruaru-PE	39
Figura 14: Epígrafe em Recife	40
Figura 15: Epígrafe no cemitério de Recife	41
Figura 16: Caracterização da pesquisa	45
Figura 17: Exemplos de disposição das letras	49
Figura 18: Estilos tipográficos	50
Figura 19: Exemplos de estilos de caixas tipográficas	51
Figura 20: Exemplos de alinhamento de textos	51
Figura 21: Exemplos de relevos	52
Figura 22: Exemplos de alinhamento das imagens	55
Figura 23: Fichas de análise elaboradas	56
Figura 24: Disposição tipográfica mista em curvilínea e linear	64
Figura 25: Disposição tipográfica mista em vertical curvilíneo e linear	64
Figura 26: Tipografias sem serifas em Recife e em Salvador	66
Figura 27: Tipografias romanas em Recife e em Salvador	67
Figura 28: Design de túmulo criado por Max Gill	68
Figura 29: Tipografia tumular, de Max Gill	68
Figura 30: Tipografias egípcias em Recife e Salvador	69
Figura 31: Tipografias cursivas em Recife e Salvador	70
Figura 32: Tipografias góticas em Recife e Salvador	71
Figura 33: Tipografias decorativas em Recife e Salvador	72

Figura 34: Tipografias não latinas em Salvador	73
Figura 35: Letreiramento informal em Recife	73
Figura 36: Antropomorfo em Recife	77
Figura 37: Antropomorfo em Salvador	79
Figura 38: Zoomorfo em Recife	79
Figura 39: Flores em Recife e Salvador	81
Figura 40: Flores com caules quebrados em Recife	82
Figura 41: Ornato circular floral em Recife e Salvador	83
Figura 42: Chorão e alcachofra em Recife	84
Figura 43: Frutas em Recife e Salvador	85
Figura 44: Tochas em Recife e Salvador	86
Figura 45: Ampulhetas em Recife e Salvador	87
Figura 46: Lampião em Recife	88
Figura 47: Urna Funerária no cemitério de Recife	89
Figura 48: Objetos marítimos em Recife	90
Figura 49: Emblemas desenhados por Max Gill	90
Figura 50: Representação de cálice em Salvador	91
Figura 51: Imagem de livro em Salvador	92
Figura 52: Brasões nos cemitérios de Recife e Salvador	93
Figura 53: Estrelas em Salvador	94
Figura 54: Compasso maçônico	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Número de óbitos por décadas em Recife	59
Gráfico 2: Número de óbitos por décadas em Salvador	59
Gráfico 3: Tipologia arquitetônica tumular em Recife	60
Gráfico 4: Tipologia arquitetônica tumular em Salvador	61
Gráfico 5: Gêneros dos epitáfios de Recife	62
Gráfico 6: Gêneros dos epitáfios de Salvador	63
Gráfico 7: Disposições das tipografias em Recife e em Salvador	65
Gráfico 8: Comparativo da quantidade de cada estilo tipográfico entre os cemitérios de Recife e Salvador	74
Gráfico 9: Caixas dos tipos em Recife e Salvador	75
Gráfico 10: Relevos das tipografias em Recife e Salvador	76
Gráfico 11: Uso recorrente das tipografias por décadas do século XIX e XX em Recife	96
Gráfico 12: Uso recorrente das tipografias por décadas do século XIX e XX em Salvador	96
Gráfico 13: Recorrência das imagens em Recife e Salvador	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Subcategorias da paisagem tipográfica	36
Quadro 2: Tipologia da arquitetura tumular	47
Quadro 3: Exemplos de frases e os gêneros dos epitáfios	52
Quadro 4: Classificações das imagens	53

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	14
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivo Geral	16
1.2 Objetivos Específicos	16
1.3 Justificativa	17
1.4 Delimitação	17
1.5 Estrutura da Dissertação	18
CAPÍTULO II	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1 Comunicação Visual e Morte ao Longo da História	20
2.2 Cemitérios no Brasil	24
2.2.1 Cemitérios dos Ingleses no Nordeste	29
2.3 Paisagem Tipográfica e Epitáfios	33
CAPÍTULO III	44
3 METODOLOGIA	44
3.1 Caracterização da Pesquisa	44
3.2 Fases da Pesquisa	45
3.3 Modelo de Coleta e Análise Gráfica	46
3.3.1 Registro	46
3.3.2 Análise Tipográfica	48
3.3.3 Análise dos Epitáfios	52
3.3.4 Análise Imagética	53
3.4 Proposta de Modelo	55
CAPÍTULO IV	58
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	58
4.1 Dados dos Epitáfios	61

4.2 Análise das Tipografias	63
4.3 Análise das Imagens	76
4.4 Considerações dos Resultados.....	95
CAPÍTULO V	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	102

CAPÍTULO I

Este capítulo apresenta uma contextualização sobre o desenvolvimento da pesquisa, no que tange às conexões entre Design e patrimônio cemiterial. Neste capítulo, também são descritas as características do arcabouço teórico que fundamenta a dissertação, os objetivos e o recorte do trabalho.

1 INTRODUÇÃO

Os lugares de sepultamento são também ambientes de comunicação que transmitem mensagens por meio da tipologia arquitetônica, de inscrições, de símbolos e de esculturas. Os túmulos refletem características do morto e também dos que o sepultam, podendo indicar posições sociais, religiosas, políticas e econômicas. Rezende (2007, p. 44) explica que as imagens nos cemitérios “têm uma função de sintetizar o finado e a morte a partir da imagem que representam esses dois”.

Os cemitérios, especificamente os cemitérios oitocentistas, têm sido, na atualidade, tema de interesse de muitos pesquisadores, tanto no Brasil quanto em outros países. Castro (2008, p. 59) explica que aos cemitérios são atribuídos valores que vão além de um espaço para guardar os mortos, acreditando-se que possuem “valores religiosos, sociais, arquitetônicos, históricos [...], artísticos, ambientais ligados, geralmente, a uma determinada forma de representar as cidades e a memória coletiva”. São esses alguns dos valores acerca dos cemitérios do século XIX que aguçam as investigações.

As manifestações visuais que compõem os cemitérios brasileiros fazem parte do patrimônio material e artístico brasileiro, tendo em vista que os cemitérios são definidos como:

Bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico (BRASIL, 1937).

Para Vincent (2008), os túmulos, com todo seu conjunto artístico, representam artefatos valiosos para a história, e preservar tais monumentos também é uma forma de respeito aos nossos antepassados.

O patrimônio cemiterial também está relacionado às práticas educativas e culturais por meio do turismo. Rezende (2007) explica que o turismo cemiterial tem como foco a exploração artística e arquitetônica, como também a visita aos túmulos de personalidades que são veneradas por sua história, levando esses espaços, em muitos lugares pelo mundo, a se tornarem um museu a céu aberto.

A memória gráfica é uma área de estudos do Design que trata da representação cultural e da memória dos elementos visuais, seja no meio impresso ou no ambiente urbano. Farias (2018) explica qual é o objetivo dos estudos sobre memória gráfica:

Estudos sobre memória gráfica e cultura visual compartilham o interesse de compreender o modo como a sociedade seleciona ou cria imagens e formas visuais, e, ao mesmo tempo, como essa sociedade, em certo sentido, se reflete em tais imagens e formas (FARIAS, 2008, p. 13).

Essa área de pesquisa faz aproximações com os estudos históricos em Design que objetivam compreender a história dos artefatos gráficos e a apropriação desses elementos visuais na prática profissional dos designers. Essa prática agregaria valor cultural ao Design, característica latente mas ainda pouco reconhecida por profissionais das diversas áreas (BONSIEPE, 2019). Neste sentido, o Design provoca reflexões sobre a valorização da identidade nacional, como ferramenta para o registro histórico de uma cultura (FINIZOLA, 2010).

A paisagem tipográfica é um dos temas de estudos circunscritos na memória gráfica. Nos estudos sobre paisagem tipográfica, há um recorte específico para as tipografias memoriais, que visa discutir sobre a cultura visual por meio das inscrições fúnebres em ambientes como igrejas e cemitérios.

Este estudo está fundamentado na compreensão de que, por um lado, os cemitérios são lugares que possuem monumentos históricos e de grande importância cultural e visual; e, de outro, que o Design é um campo interdisciplinar que busca compreender linguagens visuais em diversos contextos.

Flusser (2007, p. 130) afirma que “onde quer que se descubram códigos, pode-se deduzir algo sobre a humanidade”. Sendo assim, os cemitérios são fontes de informações sobre a cultura funerária de um local e/ou grupo social, uma vez que estão constituídos de códigos imagéticos e de tipografias como registros de memórias.

Segundo Santos (2007), os signos do Design funcionam como transmissores de informações de uma cultura para um indivíduo, “por isso entende-se design como um sistema codificado ou como o mecanismo que permite gerar sentidos por meio da soma de várias linguagens”. No que se refere aos signos nos cemitérios, é importante realizar pesquisas que busquem compreender as codificações nos túmulos, com a finalidade de esclarecer os significados imagéticos relacionados ao entorno social e cultural. Sendo assim, esta pesquisa investigou as especificidades dos mais antigos cemitérios nos estados de Pernambuco e Bahia, os cemitérios dos ingleses, edificadas no início do século XIX na cidade de Recife e Salvador.

A questão de pesquisa que determinou todo o processo de investigação foi: quais os aspectos visuais, simbólicos e possíveis significados das tipografias e das imagens presentes nos túmulos dos séculos XIX e XX nos cemitérios dos ingleses de Recife e Salvador?

1.1 Objetivo Geral

Identificar e interpretar os atributos visuais e significados das tipografias e das imagens presentes nos túmulos históricos dos cemitérios dos ingleses de Recife e Salvador.

1.2 Objetivos específicos

- Identificar os estilos tipográficos e as imagens gravadas nos túmulos, assim como a composição das fachadas dos túmulos;
- Verificar a recorrência dos aspectos formais das tipografias e das imagens;
- Identificar os significados das imagens, textos (epitáfios), e a relação entre imagem e texto.

1.3 Justificativa

O conhecimento leva ao reconhecimento da importância da preservação e da manutenção do patrimônio histórico material. Com isso, este trabalho visa contribuir para a visibilidade histórica e patrimonial dos cemitérios dos ingleses de Recife e Salvador, visto a importância histórica que estes locais têm, não apenas para a região Nordeste, mas também para a história da formação do Brasil.

Inserido no campo da pesquisa em Design, este trabalho busca novas discussões e apresenta novas ferramentas para a pesquisa no âmbito cultural e histórico, mais especificamente, na compreensão das expressões visuais em cemitérios, uma área pouco explorada no Design brasileiro. Em se tratando da memória gráfica, se ressalta nesta dissertação uma expressão do design no Brasil que está para além dos impressos, mas também está relacionado com a arquitetura e com questões fúnebres em séculos passados.

As tipografias e as imagens também são componentes fundamentais para o Design, e devem ser levadas em consideração no restauro das construções consideradas como patrimônio. Por isso, buscar compreender sobre os atributos da comunicação visual no âmbito dos cemitérios é importante para que se prevaleça a conservação fidedigna dos traços originais presentes nos túmulos, em casos de ações de restauro.

1.4 Delimitação da Pesquisa

O foco desta pesquisa está voltado para os *British Cemetery* (Cemitério Britânico), conhecidos popularmente como Cemitério dos Ingleses, estando ainda em atividade nas cidades de Recife-PE e Salvador-BA. A partir de visitas de campo, foram coletadas e analisadas as tipografias e as imagens gravadas dos túmulos que datam do século XIX e XX.

Além do recorte temporal entre os séculos XIX e XX nos cemitérios dos ingleses, por se tratar de um ambiente com vasta quantidade de túmulos, foi realizado um recorte para a coleta de dados, considerando apenas os túmulos com imagens e textos, uma vez que estes são dois aspectos importantes na discussão para se compreender suas características e entender como essas linguagens se conectam.

Outro aspecto relevante foi a exclusão dos túmulos que apenas contemplam imagens de cruzes, já que essas representações gráficas estão presentes em todos os cemitérios cristãos do país, e são imagens presentes na maior parte dos túmulos como representação religiosa ou como indicador da data de falecimento. Contudo, as imagens de cruzes foram consideradas quando aplicadas em túmulos com a presença de outras representações gráficas por imagens.

1.5 Estrutura da Dissertação

Para além do capítulo introdutório, que apresenta o tema da dissertação, assim como os objetivos, justificativa, delimitação do trabalho e problemática, o Capítulo II trata de contextualizar, por meio da fundamentação teórica, a base do estudo para a compreensão da relação entre cemitério e Design.

O primeiro tópico aborda a relação entre a comunicação visual e a morte referente à antiguidade e a diferentes povos originários, com destaque para os ritos e os artefatos fúnebres produzidos na Europa, Ásia, África e América.

O tópico dois se debruça sobre a história dos ambientes eclesiásticos construídos para sepultar os mortos, como as igrejas-cemitérios e os campos santos intramuros, assim como também menciona os cemitérios protestantes, como o Cemitério dos Ingleses, nas cidades de Recife e Salvador. Nesse capítulo, são apresentados os conceitos sobre tipografia, e o de paisagem tipográfica e suas características e classificações nos mais diversos aspectos da linguagem visual presentes na paisagem urbana, incluindo o suporte e o local onde se insere no meio urbano. Também se discute acerca da tipografia memorial, sendo artefatos funerários que representam a cultura visual de um local.

A metodologia é apresentada no Capítulo III, no qual se expõe a caracterização da pesquisa e os métodos e as técnicas utilizadas para a coleta de dados. Também explica-se sobre como foi elaborada a ficha de análise gráfica.

O Capítulo IV discute os dados coletados, abrangendo a recorrência dos elementos de comunicação analisados nas fichas, assim como os significados das imagens e sua relação com os epitáfios.

Por fim, o Capítulo V apresenta as considerações finais sobre a pesquisa, abordando a relação da fundamentação teórica com os resultados, e conectando os

objetivos estabelecidos para a dissertação com os que foram alcançados. Também neste capítulo explica-se sobre as dificuldades e desdobramentos futuros.

CAPÍTULO II

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta a fundamentação teórica que embasa esta pesquisa, abordando conceitos históricos até a atualidade, no que concerne à comunicação e tipografia em cemitérios.

2.1 Comunicação Visual e Morte ao Longo da História

Ao longo da história da humanidade, é possível perceber que sempre houve uma preocupação com a morte. Por meio da comunicação visual foi possível registrar o legado de indivíduos, possibilitando a compreensão das crenças sobre a vida após a morte, desde a pré-história, até os dias atuais (BELLOMO, 2000).

Flusser (2007) entende que a comunicação humana originou-se da tentativa de superação da morte por meio da interação entre os seres e como tentativa de produzir e armazenar informações. Quanto ao propósito da comunicação como forma de superar a morte, o autor explica que o intuito é esquecer a falta de sentido da vida e enfrentar a solidão para a morte, sendo estes os motivos pelos quais o homem constrói um mundo a partir de símbolos.

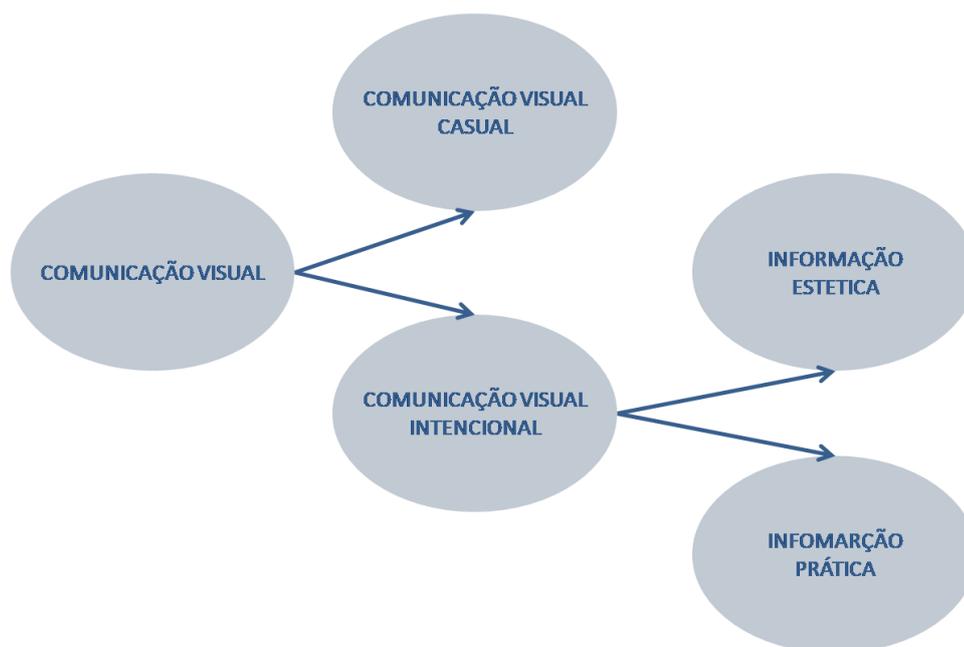
Munari (2006) entende que a comunicação visual está presente em tudo o que nos cerca, e que tudo aquilo que nossos olhos veem é comunicação visual, como as nuvens, flores, um cartaz e os objetos, tendo significados diferentes, de acordo com o repertório e o contexto de cada indivíduo. O autor ainda fala que existem duas distinções de comunicação visual: a casual e a intencional.

A comunicação visual casual é não intencional, como, por exemplo, as nuvens do céu, que não têm a intenção de advertir que está para chegar um temporal. É algo natural, em que a interpretação é livre, que, pela experiência do observador, é possível interpretar as mudanças no tempo observadas na atmosfera.

A comunicação visual intencional é o contrário do casual. É formada por um código; portanto, por sistemas simbólicos. Por exemplo, nas “séries de nuvenzinhas de fumaça” que os indígenas faziam para comunicar uma informação precisa, tinham a intenção de transmitir uma mensagem (MUNARI, 2006).

Munari (2006) também descreve duas outras categorias na quais a comunicação visual intencional pode se estabelecer: informação estética e prática (Figura 1).

Figura 1: Comunicação visual e as suas categorias



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Munari (2006).

Informação estética são as linhas harmônicas que compõem uma forma, há uma intenção que vai além de informar, ou seja, a finalidade é que a mensagem formada por elementos visuais possam ser considerados “belos” pelo receptor. Quanto à informação prática, os desenhos técnicos são um exemplo de contraponto, uma vez que sua função prática e de comunicação objetiva se sobrepõem à percepção prazerosa e desinteressada da “beleza”.

A comunicação visual sempre esteve presente na vida do ser humano por meio das coisas naturais e por meio dos artefatos, não sendo diferente no que se refere à morte em tempos remotos e na contemporaneidade, sejam os artefatos referentes à morte, com formas tridimensionais, ou representações gráficas bidimensionais, com funções práticas ou estéticas.

Desde a pré-história, havia cuidados com os mortos e se pensava no que viria após a morte. Por isso, em algumas culturas, os mortos eram enterrados com objetos de cerâmica com representações de animais, pessoas ou divindades, garantindo ao morto a benevolência dos deuses em outra vida (BELLOMO, 2000).

Os egípcios se destacam quando o assunto é comunicação visual e morte. Segundo Meggs e Purvis (2009), os primeiros manuscritos ilustrados foram criados pelos egípcios, por meio dos quais demonstravam crença na vida após a morte. Os primeiros manuscritos ilustrados registravam a passagem que o morto precisava transpor para chegar à ressurreição (REZENDE, 2007). Além dos manuscritos ilustrados no Livro dos Mortos, as pirâmides egípcias (local de sepultamento dos faraós) e os sarcófagos também continham escritas em hieróglifos e ilustrações que falavam sobre a morte e o faraó (MEGGS; PURVIS, 2009). Isso mostra que a linguagem visual teve forte relação sobre a crença em seres espirituais e a morte. No entanto, isso se aplica não apenas ao Egito, mas também a diversos outros lugares e a diferentes povos.

Clair e Busic-Snyder (2009) explicam que novas evidências arqueológicas revelam que os chineses foram os mais antigos a desenvolver uma escrita, e que esses achados também têm conexões com os ritos funerários, sendo essas inscrições datadas de 7000 a 5800 a.C. Meggs e Purvis (2009, p. 51) falam que a mais antiga escrita chinesa era “intimamente vinculada à arte da adivinhação, um esforço para prever acontecimentos por meio da comunicação com os deuses ou ancestrais falecidos”.

A civilização Maia, assim como os egípcios e os chineses, teve grande importância no desenvolvimento da escrita na Mesoamérica pré-colombiana. Os hieróglifos Maias estiveram presentes na arquitetura, a exemplo dos túmulos no sítio arqueológico de Palenque, no México (ARNOLD, 2005). A civilização Maia tinha uma literatura funerária, o que hoje é chamado de Livro dos Mortos. Essa literatura tinha como objetivo “transcrever e perpetuar as receitas espirituais e as técnicas místicas e mágicas”. Dessa forma, o livro conduzia o morto a uma mulher em gestação, fazendo assim acontecer a reencarnação (ARNOLD, 2005, p. 13).

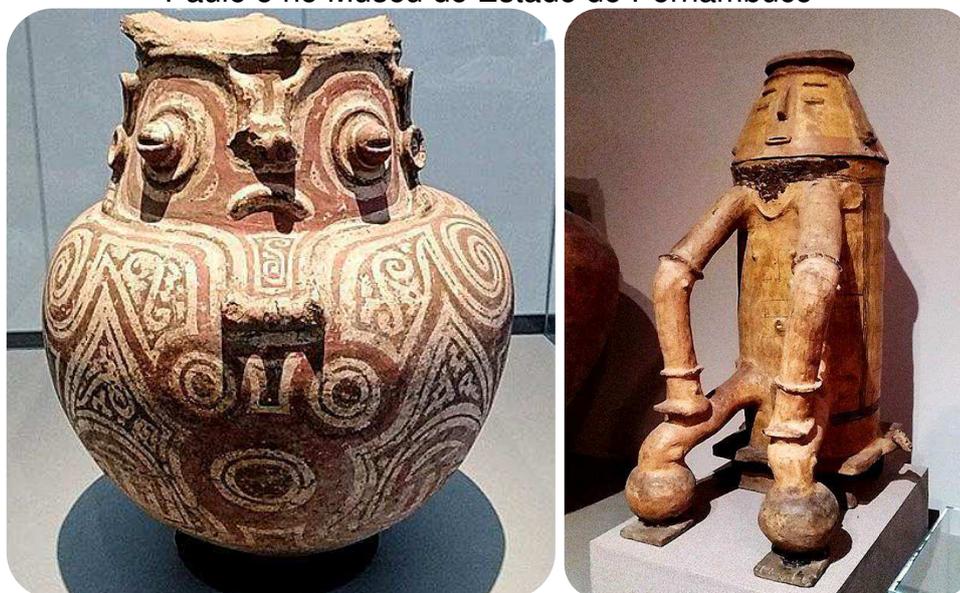
Além da escrita, a ornamentação por pinturas e figuras já eram utilizadas em urnas funerárias por vários povos. Na Grécia, mais especificamente na região de Argólida, os ritos fúnebres executavam a inumação, na qual enterravam os corpos dentro de grandes urnas, com mais de um metro e meio, ornadas com estampas decorativas na superfície (SOUZA, 2010).

Os povos indígenas do Brasil também realizavam ritos fúnebres por meio da inumação com urnas de diferentes configurações visuais (Figura 2), incluindo pinturas

na sua superfície. As urnas apresentam formatos de figuras antropomorfas e zoomorfas (CHAVES, 2020).

Chaves (2020) explica as representações gráficas nas urnas funerárias do povo marajoara apresentam imagens que expressam conceitos cosmológicos, como também formas que revelam concepções em relação aos corpos, além de formas humanas relacionadas aos ancestrais. As imagens também descrevem hierarquia social e, apesar de não representarem uma língua falada, as urnas deste povo constituem modelo visual da crença de como os vivos se comunicavam com os mortos.

Figura 2: Urnas funerárias indígenas do povo Marajoara no Museu de Arte de São Paulo e no Museu do Estado de Pernambuco



Fonte: Acervo do autor.

Sobre isso, Castro et al. (2015) explicam que:

Através da realização do ritual funerário, o grupo comunicava suas escolhas e preferências transmitidas através de suas tradições. Nesse sentido, transmitia uma parte de sua memória grupal, coletiva, manifestada e materializada no sepultamento. As estruturas funerárias se transformam em elementos que comunicam e que representam o grupo (CASTRO et al., 2015, p. 206).

Essas práticas de inumação usando as urnas funerárias estiveram presentes em diversas regiões da América. Suas configurações poderiam ser tanto simples,

semelhantes a um vaso liso sem pinturas ou qualquer ornamentação em relevo; quanto exuberantes, com as mais trabalhadas pinturas nas suas superfícies; ou iconografias gravadas em relevos, tais como cabeças e rostos bem definidos, com acessórios na cabeça, e junção de figuras antropomorfas e zoomorfas.

Ao longo do tempo, com as navegações e explorações marítimas europeias, as manifestações visuais por meio dos ritos fúnebres passariam por transformações na América, mas, especificamente no Brasil, surgiram os lugares para os sepultamentos dos mortos e construções arquitetônicas exclusivamente para fins funerários.

2.2 Cemitérios no Brasil

Assim como na Europa, no Brasil, a igreja cristã sempre esteve presente em todos os momentos da vida das pessoas, desde o nascimento até o fim da vida. No período colonial, a prática do sepultamento dentro das igrejas católicas e em seu entorno era comum. Quando os líderes religiosos e pessoas influentes da sociedade faleciam, eram sepultados no interior das igrejas, enquanto os demais fiéis eram sepultados em cemitérios circunvizinhos.

Os locais de sepultamento na igreja eram determinados segundo os cargos de liderança dos membros da igreja, como também estavam relacionados com o poder aquisitivo do indivíduo. Rezende (2006) explica que os sepultamentos nas igrejas custavam altos valores, não apenas para depositar o corpo em um túmulo sob o chão do templo, mas também tinha toda uma pompa nos ritos fúnebres, e quanto mais próximo o falecido ficasse do altar da igreja¹, dos santos e dos membros do clero, mais próximo ele estaria de Deus. Outra questão apontada por Rezende (2006) é a adoção pela ostentação fúnebre do falecido a fim da obtenção do perdão dos seus pecados, podendo assim ter garantia de um lugar no céu, havendo no testamento do falecido doação de terras para edificações de novos templos.

Além dos sepultamentos na nave da igreja, havia sepultamentos em edifícios separados do templo, conhecidos como catacumbas. Entretanto, os sepultamentos nos arredores das igrejas (*apud ecclesiam*) eram destinados aos mais pobres (REZENDE, 2006).

¹ Sepultamentos dentro da igreja, mais especificamente na nave do templo, são chamados de *ad sanctos*.

Nas igrejas brasileiras, onde ocorriam tais práticas fúnebres, havia identificações que eram inseridas nas campas² dos túmulos, que continham símbolos e tipografias que os ornamentavam e identificavam os mortos. Reis (1991) diz que, pelo menos até meados do século XIX, só eram permitidos letreiros e brasões nas campas dos túmulos, diferentemente dos túmulos ornamentais europeus presentes nas igrejas.

Valladares (1972) explica que não havia bancos nas igrejas, o que fazia com que os religiosos levassem os seus próprios bancos para as missas. Desta forma, as pessoas sentavam-se sobre as campas e andavam sobre as lajes dos túmulos (Figura 3). Por isso, as Constituições do Arcebispado da Bahia (1853) proibiam que os túmulos tivessem representações gráficas de “Cruzes, nem Imagens de Anjos, ou Santos, nem o nome de JESUS, ou da Virgem Nossa Senhora”, pois acreditava-se que pôr os pés sobre essas imagens cristãs era falta de reverência. Contudo, havia em diferentes igrejas campas com representações proibidas.

Figura 3: Pintura “Os vivos passeiam sobre os mortos”



Fonte: Reis (1991).

² Pedra que cobre a sepultura (FERREIRA, 2000, p. 123).

As Constituições do Arcebispado da Bahia (1853) também proibiam que fossem erguidas lápides de pedra ou madeira, permitindo apenas a campa que ficasse no mesmo nível do pavimento.

A Figura 4 ilustra como eram as lápides nos templos católicos do Brasil, com brasões que ocupavam um considerável espaço da campa, com destaque a muitos adornos, principalmente como molduras.

Figura 4: Lápides em igreja na primeira metade do século XVIII no Brasil

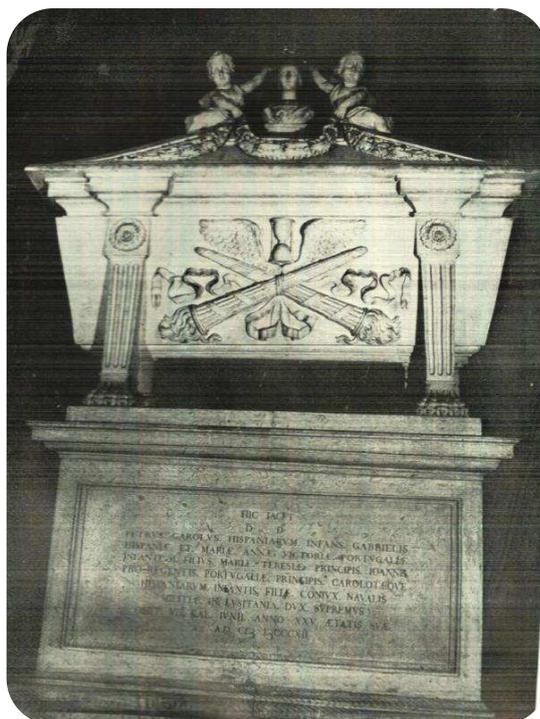


Fonte: Valladares (1972).

Além das campas, Valladares (1972) mostra outros exemplos de túmulos nas igrejas, os jazigos monumentais, com características mais semelhantes com os que se encontram nos cemitérios, apresentando diferentes representações imagéticas, tanto com imagens gravadas como com estatuetas, como ilustra a Figura 5, um jazigo com tochas invertidas, ampulheta, asas de anjo, e a data de falecimento, de 1812.

De acordo com Valladares (1972), este túmulo é o primeiro exemplo de pomposidade mortuária em construção vertical no Brasil, sendo erigido por Dom João VI, no Rio de Janeiro.

Figura 5: Jazigo em igreja católica do século XIX



Fonte: Valladares (1972).

As construções dos cemitérios intramuros no Brasil no século XIX, com novas tipologias tumulares, os símbolos cristãos, que antes eram proibidos, passaram a apresentar manifestações visuais de símbolos que correspondiam às características do morto ou familiares.

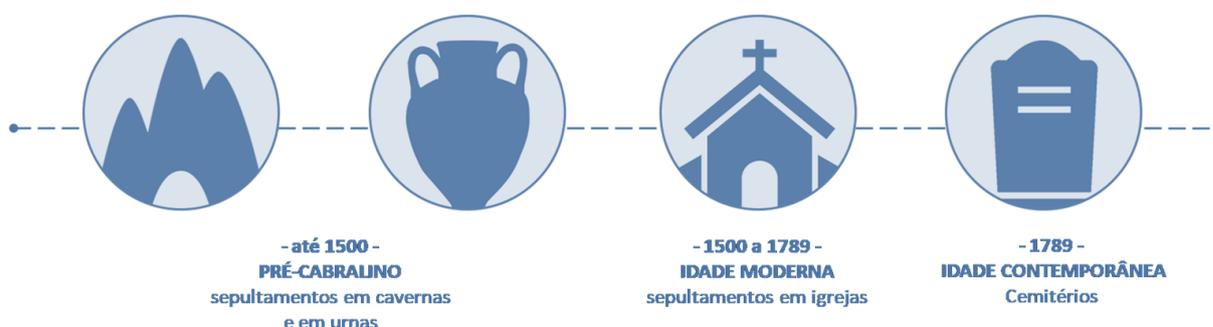
Bellomo (2000) argumenta que muitas pessoas têm a concepção de que os túmulos são moradias dos mortos, e esse é o motivo pelo qual muitos mausoléus se tornaram pequenas réplicas de casas. A ornamentação aplicada sobre os grandes túmulos também tinha o propósito de ressaltar a classe social do morto e da família. Além da exaltação ao poder financeiro, os cemitérios também expressam, por meio dos túmulos, devoção religiosa, sentimentos de amor, de perda, homenagem, entre outras. O autor também explica que a saudade personificada adornava os túmulos, pois o sentimento e afeto da família não findavam com sua partida.

Nos cemitérios intramuros, surgiram os cemitérios católicos e não católicos, que se transformaram em cemitérios laicos. Considerando as fases de evolução dos túmulos, os mortos se diferenciavam, seja por ser sepultado na nave da igreja e mais perto do altar, ou pela exuberância do túmulo no cemitério.

A Figura 6 mostra como as formas de sepultar os mortos se modificaram ao longo do tempo no Brasil. Passando por inumação em cavernas, inumação utilizando as urnas funerárias no período pré-cabralino, sepultamentos eclesiásticos com túmulos dentro das igrejas e em seu entorno, até os cemitérios intramuros (cercados por muros e distantes do meio urbano).

É necessário mencionar também os cemitérios não oficiais, que são aqueles que não têm autorização para construção, possuem caráter popular ou privado e estão presentes nas cidades, fazendas ou em praias.

Figura 6: Evolução da inumação no Brasil



Fonte: O autor.

Os motivos que levaram ao fim dos sepultamentos nas igrejas foram vários, como altos valores, intolerância religiosa para com aqueles que não proferiam a fé católica, e questões higiênicas.

No século XVIII, surgiam na Europa, mais especificamente na França, acusações sobre o perigo da convivência com os mortos. Rodrigues (1996) explica que os higienistas argumentavam que os mortos deveriam ser colocados em locais distantes do meio urbano, pois o ar era contaminado pelos restos mortais, e, além de um local afastado, preocupavam-se com a altitude do terreno, a composição de seu solo e sua vegetação. Atualmente, esta visão foi superada em países como a França, onde os cemitérios tornaram-se lugares de passeio e admiração, como é o caso do Cemitério do Père-Lachaise.

Ao longo do século XIX, surgiram os cemitérios intramuros a partir da determinação que proibia a inumação de mortos nas igrejas (RODRIGUES, 1996). Apesar de estar ancorada em questões de saúde pública, houve os que discordaram desta determinação, como aconteceu na cidade de Salvador, quando ocorreu uma

revolta que levou à demolição do primeiro cemitério da cidade pelos religiosos católicos, comandada pelas irmandades, o que ficou conhecido como a Cemiterada (REIS, 1991).

2.2.1 Os Cemitério dos Ingleses no Nordeste

A forte atuação comercial dos britânicos no Brasil, impulsionada pelo Tratado de Amizade entre Portugal e Inglaterra em 1810, fez com que o Brasil colonial acomodasse estes imigrantes e lhes garantisse o direito de serem sepultados em um local justo (RODRIGUES, 1996). Devido à intolerância religiosa, os britânicos não católicos e os protestantes eram proibidos de serem inumados em túmulos das igrejas católicas como também era-lhes negado o direito a túmulos nos cemitérios católicos intramuros.

Rodrigues (1996) fala que além da permissão para a construção de cemitérios exclusivos para os britânicos, foi-lhes dado o privilégio excepcional ao comércio e liberdade de culto; apenas não sendo autorizado que suas igrejas e capelas tivessem aparência de templos católicos nem que se fizesse a conversão dos habitantes do Brasil para sua religião protestante.

A considerável quantidade de ingleses em Pernambuco e na Bahia levou os imigrantes a construírem seus próprios cemitérios nas cidades de Recife (1814) e Salvador (aprovação do estabelecimento do cemitério em 1811).

O Cemitério dos Ingleses de Recife está localizado no Bairro de Santo Amaro, ficando a aproximadamente 1,3 km de distância do Cemitério Público de Santo Amaro, onde se mantém em funcionamento com realização de sepultamentos (Figura 7).

O Cemitério dos Ingleses possui uma área de 1.700 m². No século XX, foi realizada ampliação da Avenida Cruz Cabugá, onde está a entrada frontal do cemitério (Figura 8), causando o recuo de cinco metros do seu terreno frontal e um acréscimo de mesmo tamanho na parte posterior, resultando em demolição de túmulos que ali estavam, provocando uma perda histórica para o local, dizimando os corpos e sepulturas dos primeiros ingleses inumados no cemitério, não sobrando informações que os identifiquem, visto que os primeiros registros do cemitério também se perderam em um incêndio (TAVARES, 2016).

espaço é datado de 1813, mas outros sepultamentos podem ter acontecido anteriormente.

Os cemitérios protestantes no Brasil apresentam diversidade religiosa e de nacionalidades, com a presença de ingleses, suecos, alemães e pessoas de outras nacionalidades, resultando em uma variada simbologia na sua paisagem interna (REZENDE, 2007). É possível notar estas questões no cemitério de Salvador, como mostra a Figura 9. Além dos ingleses, a presença de túmulos de judeus é numerosa, ficando a ala inferior do cemitério reservada aos judeus de Salvador.

Figura 9: Ala superior e inferior do Cemitério dos Ingleses de Salvador



Fonte: Acervo do autor.

No Cemitério dos Ingleses de Recife, pertencente à igreja anglicana, também se encontra a presença de diferentes nacionalidades, e até mesmo de pessoas brasileiras que foram proibidas de serem sepultadas nos cemitérios católicos por serem da Maçonaria, como por exemplo, o general José Inácio de Abreu e Lima, para quem foi negado um túmulo no Cemitério de Santo Amaro, construído em meados do século XIX, que, na época, ainda tinha caráter de cemitério católico.

Diferentemente de Salvador, no cemitério de Recife não fica nítido se houve espaços reservados para pessoas de nacionalidades e/ou religiões diferentes às dos ingleses, apenas nota-se um espaço com maior concentração de túmulos infantis, como mostra a Figura 10.

Figura 10: Concentração de túmulos infantis em Recife



Fonte: Acervo do autor.

Ambos os cemitérios são tombados pelos respectivos governos dos estados. Em Recife, o Decreto estadual de número 9.131 foi criado em 1984; quanto a Salvador, o Decreto de lei número 2.457 ocorreu no ano de 1993.

Por suas importâncias históricas, os cemitérios dos ingleses em Pernambuco e na Bahia recebem turistas e visitas pedagógicas a fim de conhecer o espaço, as artes funerárias, a história da cidade, como também visitar túmulos de personalidades notáveis.

Em Recife, encontram-se túmulos de mortos da primeira e segunda guerra mundial, e um dos túmulos mais visitados é o do general Abreu e Lima. Em Salvador,

os turistas são guiados para conhecer personalidades que se destacaram na fundação de instituições de ensino, como George Whitehill Chamberlain, fundador da Universidade Mackenzie de São Paulo. O Cemitério dos Ingleses de Salvador também marca a presença de Charles Darwin na Bahia, pois dois tripulantes da expedição marítima da qual fazia parte foram sepultados no local.

Valladares (1972) fala que muitos túmulos em cemitérios católicos vieram para o Brasil importados de outros lugares da Europa, principalmente de Portugal. Assim também ocorreu nos cemitérios dos ingleses no Nordeste do Brasil, quando inúmeros túmulos vieram importados do Reino Unido.

Com toda essa diversidade nos cemitérios protestantes, a variedade das representações visuais pode ser constatada na comparação entre os túmulos. Do mesmo modo, a tipografia memorial e as imagens nos túmulos são provas de que até mesmo nas manifestações relacionadas à morte os grupos sociais adotam representações da sua identidade.

2.2 Paisagem Tipográfica e Epitáfios

Assim como no Design, a arquitetura é constituída por vários elementos visuais que formam uma linguagem, e do mesmo modo que as manifestações gráficas de uma determinada época se modificam ao longo do tempo, estabelecendo novas tendências visuais que atendem às expectativas, sejam estéticas ou outras, dos indivíduos, a arquitetura também passa por modificações.

Um dos elementos visuais que compõem a linguagem da arquitetura tumular é a tipografia, que pode estar esculpida, gravada, pintada ou desenhada sobre a fachada. Em geral, a tipografia é utilizada para informar o nome do estabelecimento, a numeração da edificação, a sinalização, as assinaturas de arquitetos, entre outras.

Farias (2016, p. 10) define tipografia como “conjunto de práticas e processos envolvidos na criação e utilização de símbolos visíveis relacionados aos caracteres ortográficos (letras) e para-ortográficos (números, sinais de pontuação, etc.) para fins de reprodução”.

Niemeyer (2010, p. 14) afirma que a tipografia é “o desenho e a produção de letras e a sua adequada distribuição e espaçamento sobre uma superfície [...] para transmitir informação e facilitar a compreensão”. Quanto à tipografia ao longo da história, Niemeyer (2010, p 14) explica que houve várias definições, algumas se

atendo aos aspectos técnicos, outras aos aspectos utilitários, contudo, a autora afirma que a tipografia é tudo isso e ainda vai além, sendo “a representação visual da linguagem e, portanto, expressão de cultura”.

No entendimento de Ambrose e Gavin (2011, p. 6), a tipografia é capaz de “produzir um efeito neutro ou despertar paixões, simbolizar movimentos artísticos, políticos ou filosóficos, ou ainda expressar a personalidade de um indivíduo ou organização”.

A tipografia é um dos principais elementos visuais em projetos gráficos, seja em suportes impressos ou digitais. Contudo, a tipografia também se fez presente na arquitetura em tempos remotos, como na Coluna de Trajano, um monumento romano edificado por volta de 114 d.C., para comemorar as vitórias militares, influenciando na escrita latina, que perdura nos dias atuais. Afinal, muitos dos estilos tipográficos nos dias de hoje são inspirações de tipografias históricas, passando por adaptações que correspondem aos suportes, métodos de produção e aos hábitos artísticos no tempo atual (LUPTON, 2011).

A escrita nos monumentos egípcios, romanos, maias e de outros povos anteriores à Idade Moderna que tiveram um desenvolvimento mais complexo e elaborado de um sistema de escrita aplicada em suas arquiteturas são os mais antigos exemplos do que hoje se chama paisagem tipográfica.

A tipografia, na arquitetura e no meio urbano, é intitulada por Gouveia et al. (2007, p. 2) como paisagem tipográfica, o que quer dizer “a paisagem formada por um subconjunto de elementos gráficos presentes no ambiente urbano: os caracteres que formam palavras, datas, e outras mensagens compostas por letras e números”.

Outra classificação existente para o estudo das tipografias que envolvem a arquitetura e o meio urbano é a epigrafia, que trata do estudo da escrita em materiais sólidos, como madeira, pedra e metal (DIAS, 2005).

O interesse de registrar e catalogar as tipografias inseridas na paisagem urbana vem aumentando, e isso se nota pela quantidade de perfis em redes sociais que compartilham imagens sobre o tema que apresentam manifestações visuais de diversos países. Além do interesse informal em redes sociais, é vasta a quantidade de publicações em livros, artigos, dissertações e teses pelo mundo, a exemplo dos livros *Barcelona Gráfica* (Espanha) e *City of Scripts* (Hong Kong) (Fig. 11).

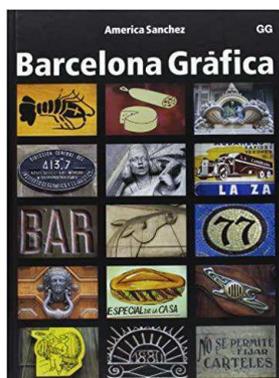
Figura 11: Livros de tipografia na paisagem urbana

Barcelona Gráfica – América Sanchez

City of Scripts – Brian Kwok

(Espanha)

(Hong Kong)



Fonte: Vitruvius (2022)⁴ e *Information Design Lab* (2020)⁵.

No Brasil, há uma quantidade significativa de publicações referentes à paisagem tipográfica em várias regiões, como em Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina e São Paulo. Estas pesquisas abordam as letras esculpidas, impressas e pintadas na paisagem urbana, e foram encontradas nos anais do Congresso Brasileiro Pesquisa e Desenvolvimento em Design (P&D Design); e no Congresso Internacional de Design da Informação (CIDI) entre os anos de 2014 e 2021.

A paisagem tipográfica vai além das inscrições presentes na arquitetura, está também nos transportes e nas placas que ficam nas calçadas, contendo informações impressas por meios mecânicos ou produzidas à mão, como as tipografias vernaculares.

A expressão paisagem tipográfica é um termo guarda-chuva, que abrange conceitos e categorias relacionadas ao estilo das letras, considerando onde a letra está localizada, o suporte utilizado e os fins utilitários. Atualmente, a paisagem tipográfica possui nove subcategorias, de acordo com Farias (2016), como mostra o Quadro 1.

⁴ Endereço: <https://vitruvius.com.br/pesquisa/bookshelf/book/268>.

⁵ Endereço: <http://www.infodesignlab.org/projects.html>.

Quadro 1: Subcategorias da paisagem tipográfica.

-
- 1. Tipografia arquitetônica:** inscrições perenes, tais como o nome e o número de um prédio, geralmente planejadas e construídas junto com o edifício.
-
- 2. Tipografia honorífica:** inscrições projetadas para homenagear personagens ou fatos históricos relevantes, tais como aquelas presentes em monumentos públicos em geral.
-
- 3. Tipografia memorial:** inscrições fúnebres encontradas em espaços urbanos circunscritos, tais como lápides em igrejas ou cemitérios.
-
- 4. Tipografia de registro:** inscrições oficiais de empresas públicas ou privadas, tais como prestadoras de serviços de telefonia e saneamento, geralmente localizadas em grades e tampas.
-
- 5. Tipografia artística:** manifestações artísticas realizadas sob encomenda, que fazem uso da tipografia, tais como pinturas e esculturas em formato de letras, presentes em algumas cidades.
-
- 6. Tipografia normativa:** inscrições que configuram sistemas reguladores e informativos do tráfego urbano, tais como sinais de trânsito e placas de logradouro.
-
- 7. Tipografia comercial:** inscrições efêmeras, tais como aquelas presentes em pontos comerciais, acrescentadas posteriormente aos edifícios, e, na maioria das vezes, substituídas periodicamente.
-
- 8. Tipografia acidental:** inscrições não-oficiais ou não-autorizadas, tais como grafites e pichações, muitas vezes executadas sem planejamento e à revelia da vontade dos arquitetos, construtores e proprietários dos edifícios.
-
- 9. Tipografia Móvel:** inscrições que têm característica comum à mobilidade de seu suporte ou à dinamicidade de suas mensagens. Inscrições que alteram com o tempo (como painéis luminosos) ou que mudam de lugar na paisagem.
-

Fonte: Farias (2016).

Dentre as pesquisas levantadas que abordam a paisagem tipográfica nos eventos científicos de Design no Brasil, foram identificados trabalhos que discorrem sobre as seguintes categorias de tipografia: comercial, arquitetônica, acidental, normativa e a artística, sendo as duas primeiras as mais recorrentes.

Nos artigos acadêmicos, dissertações e teses sobre a paisagem tipográfica comercial, são apresentadas as tipografias vernaculares, como nas pesquisas de Finizola (2010; 2015) sobre as tipografias vernaculares em Pernambuco; Eller (2014)

abordando as letras de Belo Horizonte; e Martins (2019) que estuda a tradição e a memória gráfica dos pintores de letras nos barcos na Amazônia.

A tipografia vernacular, chamada também de tipografia popular, na paisagem urbana é definida por Martins (2005) como:

(...) Uma apropriação singular da linguagem, uma voz de resistência que não se posiciona antagonicamente à expressão institucionalizada, mas resiste a ela de forma silenciosa. É importante notar a enorme amplitude espacial da tipografia popular, uma vez que uma demanda de comunicação pode surgir em qualquer lugar (MARTINS, 2005, p. 15).

As tipografias vernaculares (Figura 12) geralmente são letras pintadas manualmente nas fachadas e muros de edificações, podendo ser produzidas diretamente na arquitetura ou em suportes (madeira, acrílico, celulose e outros materiais) para posteriormente serem fixadas na fachada da edificação comercial.

As tipografias vernaculares, além de serem temas de várias pesquisas acadêmicas, têm se tornado inspiração para o desenvolvimento de fontes digitais, como por exemplo, a fonte 1Rial, de Fátima Finizola⁶, a fonte J.J Carpinense, desenvolvida por Cássio Holanda⁷, e a fonte Brasileiro, por Crystian Cruz⁸. São uma prática de resgate e valorização das técnicas de pinturas de letras, que passam do analógico para o virtual (FINIZOLA, 2010). Bonsiepe (2019) intitula esta configuração visual como “gráfica urbana”, compreendendo como parte da identidade do Design de um local.

⁶ Aplicação da fonte: <https://www.behance.net/gallery/78275341/1-RIAL-Peca-grafica>.

⁷ Aplicação da fonte: https://www.behance.net/gallery/94429457/JJ-CARPINENSE_FONTE/modules/545624097.

⁸ Fonte: <https://crystiancruz.myportfolio.com/brasileiro>.

Figura 12: Tipografia vernacular na Feira de Caruaru-PE



Fonte: O autor.

Outra categoria bastante estudada é a tipografia arquitetônica (Figura 13). Esta classificação da paisagem tipográfica sempre é projetada concomitantemente ao projeto de arquitetura. D'Elboux (2016) explica que o ensino da tipografia nos cursos de arquitetura no Brasil habilitava os futuros arquitetos a inserirem em suas pranchas de projeto o desenho das tipografias na fachada da edificação. E assim como o estilo arquitetônico planejado, as letras desenhadas por estes arquitetos, seguem a mesma linguagem visual.

Figura 13: Tipografia arquitetônica em Caruaru-PE



Fonte: O autor.

As inscrições arquitetônicas, sejam tidas como vernaculares (característica de um lugar específico), ou até mesmo aquelas que constituem modismos, no aspecto mais amplo, geograficamente, são parte da manifestação cultural e possuem especificidades com atributos locais. Para Finizola (2010), as paisagens tipográficas de cada lugar revelam significados sobre a sociedade correspondente, como seus costumes, sendo parte da cultura visual local. Farias (2016, p. 144) reforça este entendimento quando afirma que “o estudo sistemático e comparado das paisagens tipográficas das cidades pode levar a uma melhor compreensão da formação de um sentido de identidade local e de pertencimento entre habitantes”.

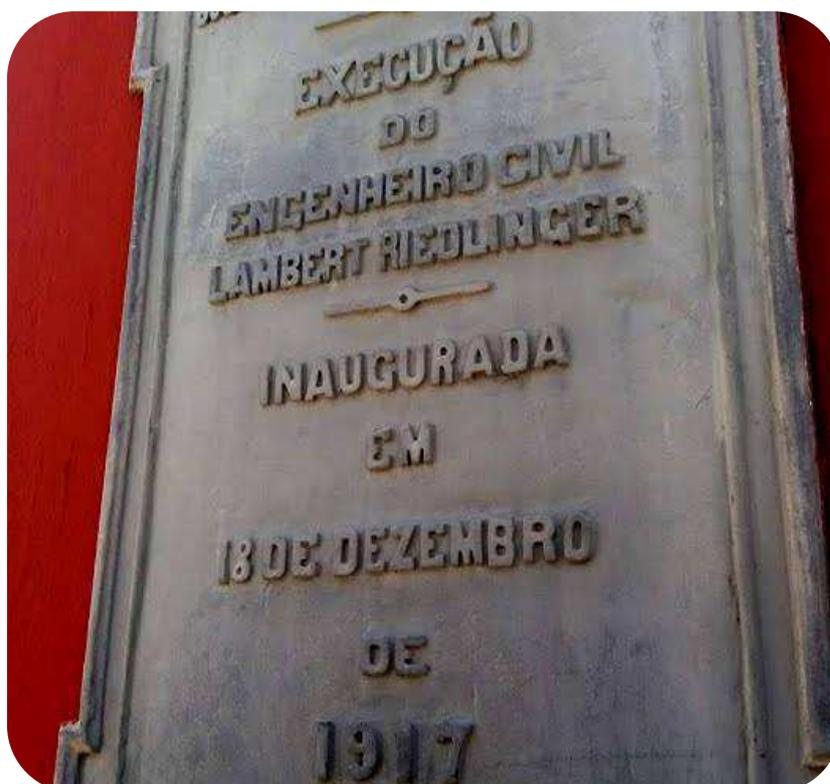
As letras impressas por meios digitais em placas, lonas, PVC, letras em caixas e outros materiais não se enquadram na tipografia arquitetônica, pois, segundo Farias (2016), ela se caracteriza por letras perenes, com o propósito de durar por muito tempo. Vale ressaltar que, se tratando de tipografias perenes, existem aquelas que não se enquadram nas tipografias esculpidas, como por exemplo, as tipografias gravadas em azulejos.

D'Elboux (2013, p. 126) explica a tipografia arquitetônica como “manifestações tipográficas projetadas junto com o edifício, e feitas para durar tanto quanto ele”.

As epígrafes também fazem parte da tipografia arquitetônica, geralmente gravada na fachada da edificação, mas também presentes em monumentos.

Segundo Gouveia et al. (2007), as pesquisas sobre epígrafes na arqueologia costumam se dedicar ao registro e entendimento sobre o que os textos narram. Contudo, no Design, além do registro e compreensão do conteúdo, é de interesse entender a forma e a disposição das letras gravadas para a leitura da paisagem urbana. Outra característica das epígrafes é a informação sobre os agentes envolvidos na construção da edificação, apresentando-se como assinatura do “arquiteto ou engenheiro autor do projeto, ou a construtora que executou a obra. Ocasionalmente, informam também a data de construção ou inauguração do edifício e o nome de seu proprietário”(GOUVEIA et al., 2008, p. 40). A Figura 14 apresenta uma epígrafe com o nome do engenheiro civil e a data de inauguração da ponte Maurício de Nassau, que foi reconstruída em 1643 na cidade de Recife.

Figura 14: Epígrafe em Recife



Fonte: O autor.

Farias, Gouveia e Dixon (2012) explicam que as epígrafes podem ser gravadas em rocha ornamental ou moldadas em argamassa, como também em metal fundido

ou recortado. Quanto ao relevo dessas inscrições, as autoras falam que quando gravadas em rochas ornamentais são comumente encontradas em baixo-relevo, quando moldadas em argamassa e em metal, as inscrições são majoritariamente em alto-relevo.

As epígrafes também estão presentes nos cemitérios. É possível encontrar em alguns túmulos que apresentam epígrafes que informam sobre os agentes envolvidos na construção da arquitetura tumular, como de esculturas e imagens gravadas no túmulo. Quando presentes, informam nomes de oficinas de marmorarias e cantarias, nomes dos profissionais, endereço e demais informações para contato.

A Figura 15 exemplifica uma epígrafe em português, localizada no Cemitério dos Ingleses em Recife, com data de falecimento 1876, contendo a seguinte informação:

“FEZ PEDRO AUGUSTO D^a S^a PROA
RUA ESTREITA DO ROZARIO N^o 45
PERNAMBUCO”

Figura 15: Epígrafe no cemitério de Recife



Fonte: O autor.

Entre as categorias tipográficas que Farias (2016) apresenta, a tipografia memorial é a classificação na qual este trabalho se enquadra ao tratar das inscrições de cemitérios. A tipografia memorial está localizada na fachada do portal (entrada do cemitério) e nos túmulos no interior dos cemitérios edificadas em zonas urbanas, como é o caso dos cemitérios dos ingleses em Recife e em Salvador.

Já mencionado no capítulo anterior, a tipografia memorial surge no Brasil com os sepultamentos dos mortos dentro das igrejas católicas, e posteriormente passou a ser uma prática nos cemitérios, como se conhece hoje.

Muitas igrejas no Brasil ainda mantêm os túmulos com as inscrições de séculos anteriores, e ainda há igrejas com inscrições recentes aplicadas em túmulos construídos com o propósito de sepultar os líderes do templo que venha a falecer, como é o caso da Catedral Metropolitana de São Paulo, ou Catedral da Sé.

Essas inscrições são chamadas de epitáfios, que são textos presentes na lápide, e contêm informações como o nome da pessoa que faleceu, data de nascimento e data de falecimento, local onde nasceu, podendo ainda conter texto em homenagem ao falecido. O epitáfio é também uma marcação que indica onde a pessoa que faleceu foi enterrada.

De acordo com Siqueira (2013), os epitáfios surgem na Idade Antiga, tendo uma maior relação com os nobres, heróis e religiosos, declarando o papel social do falecido. A frase “Aqui Jaz”, presente em muitas lápides dos cemitérios brasileiro, era comumente adotada na Idade Moderna para identificar o local de sepultamento e os ritos funerários em memória daqueles que faleceram. Foi no período oitocentista que os epitáfios ganharam maior destaque, apresentando proporção maior, de caráter bibliográfico, e vindo a ficar mais conciso no século seguinte (SIQUEIRA, 2013).

Aires e Macedo (2020) relatam que, além do texto no túmulo, se colocava adornos para representar algum sentimento. Os adornos representam diferentes significados, uma vez que a imagem pode reforçar o que o texto narra, e ir além, expressando emoções que ultrapassam as palavras. Assim como no Design, a imagem é um reforço visual para transmissão de uma mensagem, seja por meio da fotografia ou da ilustração. Borges (2015) reforça este pensamento quando explica que os retratos memoriais são colocados nos túmulos, servindo como lembrança visual, enquanto o epitáfio potencializa a afetividade do retrato.

Contudo, o epitáfio é a expressão de sentimentos, memórias, afirmação social, e indicam a posse do túmulo (SANTOS, 2015). A tipografia nos túmulos pode também representar posições sociais. Santana (2011) relata, em sua pesquisa sobre as lápides de igrejas no estado do Maranhão, que o uso de tipografias mais adornadas são atribuídas aos membros da igreja, mais especificamente aos túmulos dos bispos do templo.

A revisão teórica apresentada aqui contribui para a compreensão acerca da história dos cemitérios e da linguagem visual relacionada com a morte. A seguir, será descrito o processo adotado para o entendimento da linguagem dos cemitérios dos ingleses no Nordeste.

CAPÍTULO III

3 METODOLOGIA

Este capítulo aborda a caracterização metodológica da dissertação, assim como o método e as técnicas utilizadas no desenvolvimento deste trabalho, ou seja, os instrumentos escolhidos para registro, coleta e análise de dados.

3.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa se caracteriza como de natureza básica, uma vez que tem como objetivo gerar novos conhecimentos para a ciência, sem aplicação prática imediata (PRODANOV; FREITAS, 2013), ou seja, o estudo irá discutir significados e recorrências visuais nos túmulos históricos de dois cemitérios, algo pouco explorado no contexto acadêmico do Design no Brasil.

Quanto à abordagem, a pesquisa se classifica como fenomenológica, que, segundo Marconi e Lakatos (2022, p. 313), objetiva “resgatar os significados atribuídos pelos sujeitos aos fenômenos”.

Os dados coletados e analisados são de caráter qualitativo e não buscam uma verdade definitiva, pois investigam possíveis significados nos elementos visuais em túmulos históricos, não resultando necessariamente em afirmações absolutas.

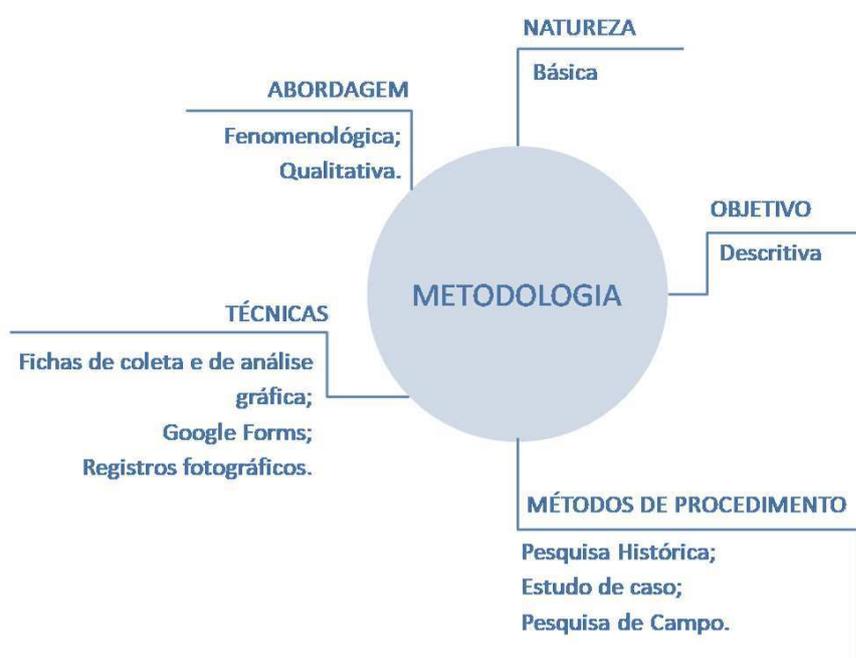
Quanto aos objetivos, no que se refere ao levantamento de dados e na descrição dos elementos visuais dos túmulos, este trabalho se caracteriza como descritivo. Prodanov e Freitas (2013) descrevem a pesquisa descritiva como sendo aquela em que o pesquisador registra, classifica e descreve os fatos observados, realizando levantamento de dados.

Como método de procedimento, optou-se por utilizar como estudo de caso o cemitério dos Ingleses na cidade de Recife e Salvador. O estudo de caso se refere a um estudo aprofundado sobre uma quantidade reduzida de objetos, permitindo amplo conhecimento sobre aquilo que se pesquisa (GIL, 2002). Desta forma, foi realizada pesquisa de campo nos cemitérios, para a coleta de dados. A pesquisa de campo possibilitou maior familiaridade do pesquisador com o ambiente, viabilizando observações para obtenção e análise de dados (MARCONI; LAKATOS, 2003). A Figura 16 resume a caracterização da pesquisa. Ainda sobre o procedimento, este

estudo tem dimensão histórica, a qual, de acordo com Santos et al. (2018, p. 152), no campo do Design, refere-se à:

[...] compreensão do conhecimento do passado de maneira a subsidiar as decisões, ações e reflexões no presente e futuro. O estudo da história no âmbito do Design envolve a interpretação do processo de transformação de culturas e modos de consumo e produção ao longo do tempo, através da coleta de informações junto a indivíduos e/ou documentos e/ou artefatos.

Figura 16: Caracterização da pesquisa



Fonte: O autor.

3.2 Fases da Pesquisa

A pesquisa envolveu seis fases, assim referidas:

- A - Elaboração das Fichas de Análise Gráfica;
- B - Teste-piloto das fichas no Cemitério dos Ingleses em Recife;
- C - Análise do teste-piloto;
- D - Coleta de dados nos cemitérios com o preenchimento das fichas;
- E - Organização dos dados coletados;

F - Discussão dos dados coletados e identificação dos possíveis significados das imagens gravadas nos túmulos dos cemitérios dos ingleses.

3.3 Modelo de Coleta e Análise Gráfica

Três elementos de comunicação e de Design foram fundamentais para a execução desta pesquisa e para a construção do modelo e ficha de análise gráfica: tipografias, imagens e a narrativa dos textos/epitáfios. As análises tipográficas se apropriam das classificações de Valadares (2007) e Kane (2012). Nas análises das imagens prevalecem os conceitos de Comunale (2020). Quanto às classificações dos epitáfios, foram usadas as categorias apresentadas por Santos (2015).

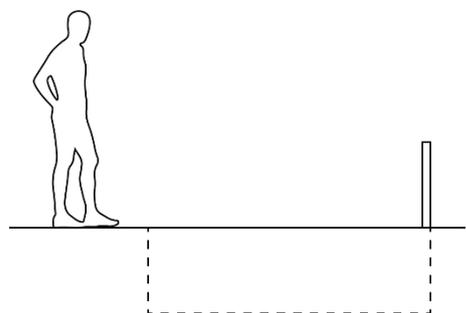
Além das fichas, em formato documento utilizadas na idealização, organização das classificações e do teste-piloto, foi utilizado o *Google Forms*, que facilitou na coleta de dados, com o preenchimento por meio de aparelho celular e computador, com amostragem de gráficos e visualizações prévias dos resultados. Também foram utilizadas técnicas de decalque para registro dos relevos comprometidos por desgastes provocados pelo tempo e pelas intempéries. Esta técnica se mostrou útil para o registro de informações de difícil leitura no local, tendo uma melhor legibilidade após as edições de imagens pelo computador. A seguir, apresenta-se cada um dos tópicos abordados no instrumento de análise.

3.3.1 Registro

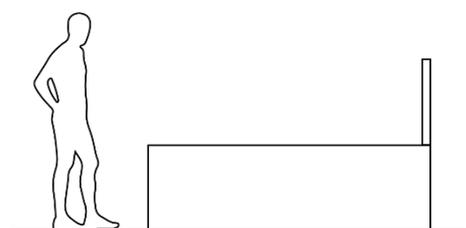
O registro corresponde aos dados sobre o objeto em pesquisa, como o endereço, localização do túmulo, data de visitação, ano de falecimento inserido no túmulo, e, em caso de túmulos compartilhados, identificação da quantidade de pessoas sepultadas.

Outro aspecto do registro é a identificação da tipologia arquitetônica dos túmulos (Quadro 2), utilizando a classificação tipológica apresentada por Castro (2008a), Grassi (2018) e Comunale (2020):

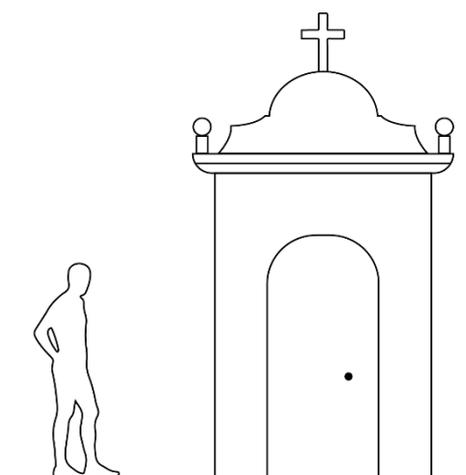
Quadro 2: Tipologia da arquitetura tumular.



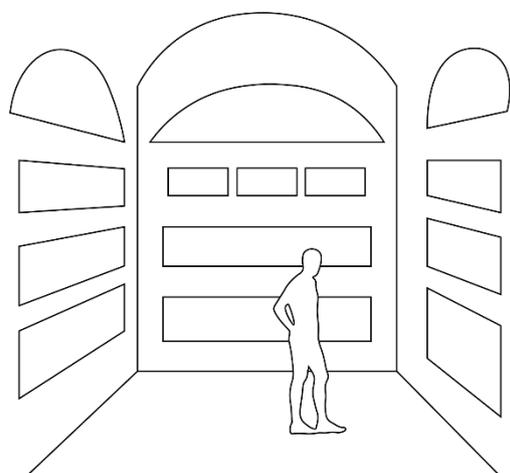
Horizontal Interno: Túmulos que ficam abaixo da terra, tendo ou não revestimento que impeça o contato do corpo ou caixão com o solo.



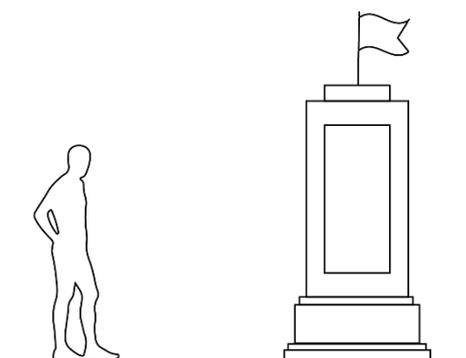
Horizontal Externo: Túmulos que ficam acima da terra, não tendo contato com o solo.



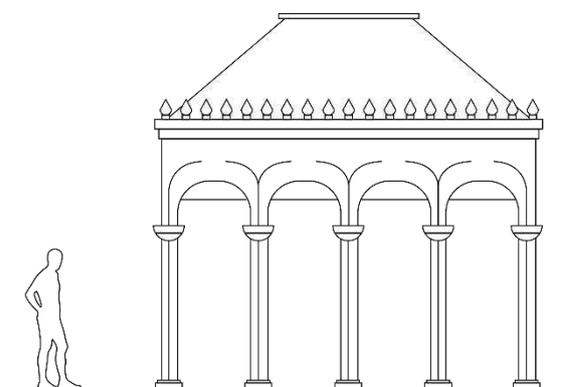
Jazigo Capela: Capelas simbólicas edificadas cujo espaço interior pode abrigar um altar com espaço para colocação de crucifixo, símbolos religiosos, imagens sacras, flores, retratos e bustos.



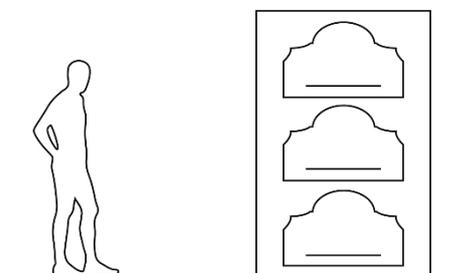
Catacumba: Espaço subterrâneo com gavetas mortuárias onde são colocados os caixões. O espaço pode abrigar altar, bancos e genuflexórios (bancos utilizados para se ajoelhar e orar).



Cenotáfio: Este exemplar de construção serve para homenagear pessoas que tenham contribuído para ações importantes naquela cidade. O cenotáfio não abriga os restos mortais do indivíduo, serve apenas como um monumento fúnebre



Mausoléu: Trata-se de um túmulo de grande porte, que ultrapassa as dimensões do túmulo por meio de formas que remetem a casas, podendo abrigar um ou mais sepultamentos.



Túmulo Vertical: Túmulos em gavetas sobrepostas às outras, posto sob o nível do solo.

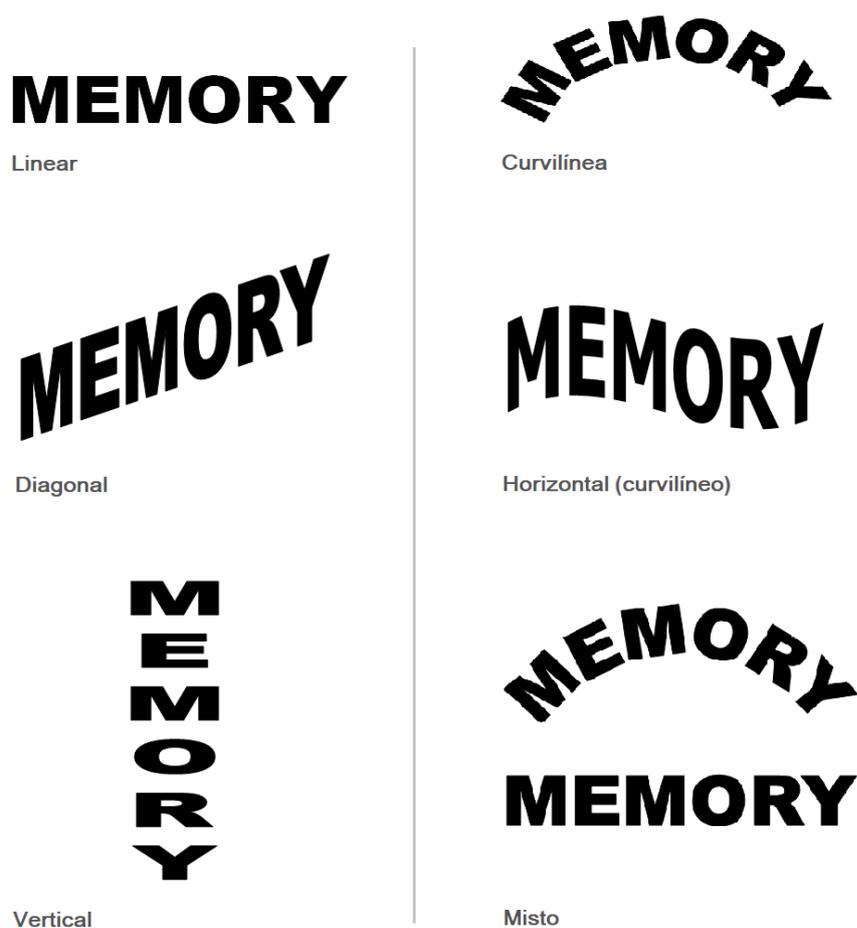
Fonte: Elaborado pelo autor com base em Castro (2008a), Grassi (2018) e Comunale (2020).

3.3.2 Análise Tipográfica

Outra seção da ficha de coleta de dados é a análise tipográfica. Para essa parte, foi levada em consideração a disposição das letras, o estilo tipográfico, a disposição das caixas altas e baixas, o alinhamento do texto, o eixo das letras, o peso, e o relevo em que o texto está gravado no túmulo.

Como ilustra a Figura 17, a disposição das letras contempla as seguintes características: linear; curvilínea; diagonal; horizontal (curvilíneo); vertical; e mista, que são apresentadas nas fichas de análise gráfica de Valadares (2007).

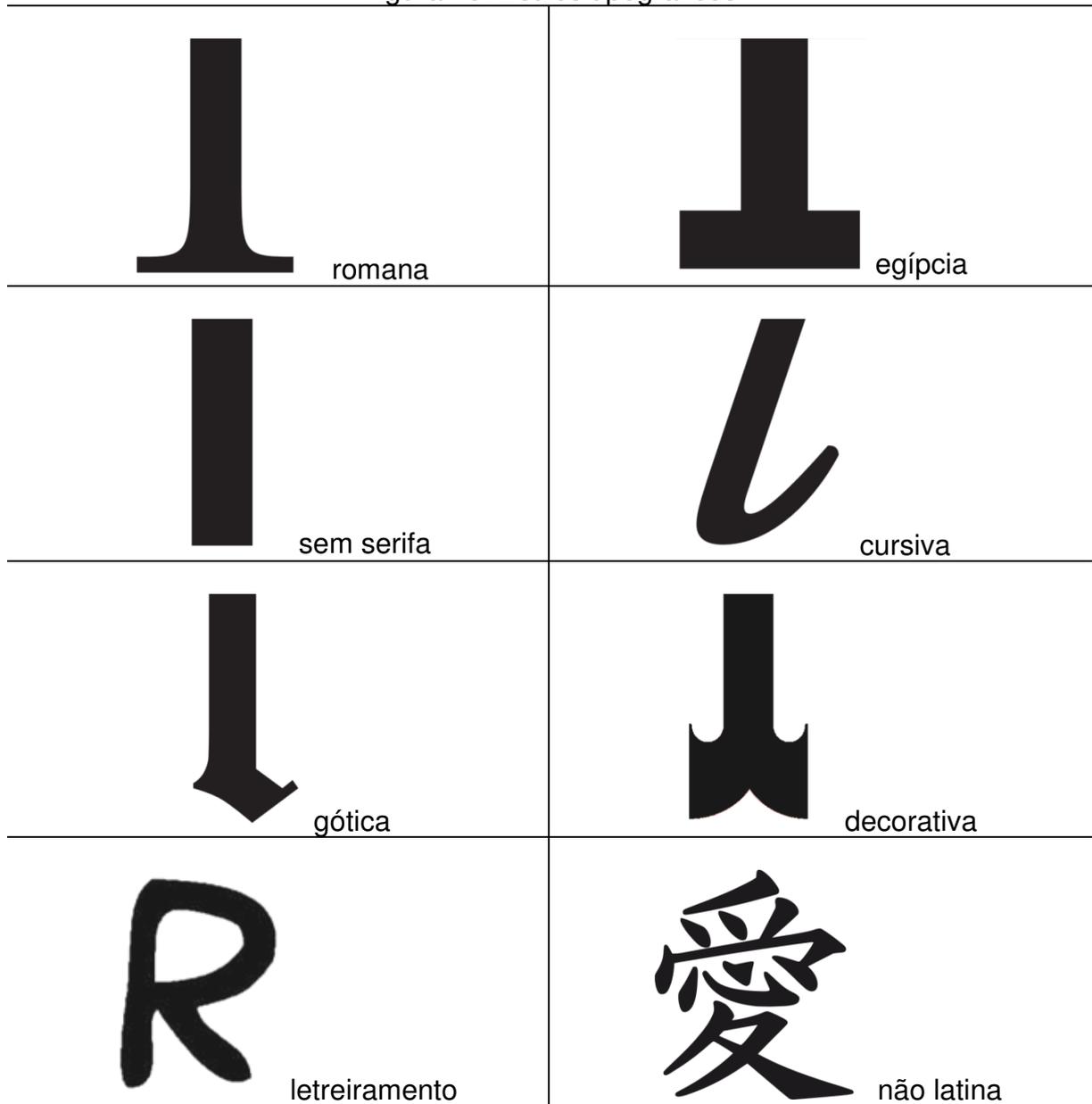
Figura 17: Exemplos de disposição das letras



Fonte: O autor.

Quanto ao estilo tipográfico, levou-se em consideração a classificação apresentada por Kane (2012), com adaptações, incluindo estilos que o autor não apresenta, como tipografia decorativa, letreiramento informal e não latina. Com isso, as classificações adotadas por este estudo abrangem os seguintes estilos: romana, egípcia; sem serifa; gótica; cursiva; decorativa; letreiramento informal; e as escritas não latinas. Na Figura 18, se observam algumas características de cada estilo tipográfico, como as serifas das letras. O estilo romano, na ficha adaptada para esta pesquisa, abrange o estilo antigo, em transição e moderno.

Figura 18: Estilos tipográficos



Fonte: Kane (2012) e adaptado pelo autor.

Quanto à caixa das letras, estão incluídas: caixa-alta (letras maiúsculas); caixa-baixa (letras minúsculas); caixa-alta e caixa-baixa; e versal versalete (caracteres em caixa-alta com altura de caixa-baixa) (Figura 19).

Figura 19: Exemplos de estilos de caixas tipográficas

CAIXA-ALTA

caixa-baixa

Caixa-Alta e Caixa-Baixa

VERSAL VERSALETE

Fonte: O autor.

Referente ao alinhamento em que se encontra o texto (epitáfio) presente nos túmulos, foram considerados os seguintes critérios: alinhamento à esquerda; alinhamento à direita, alinhamento centralizado; e misto (Figura 20).

Figura 20: Exemplos de alinhamento de textos

alinhamento à esquerda

alinhamento à direita

centralizado

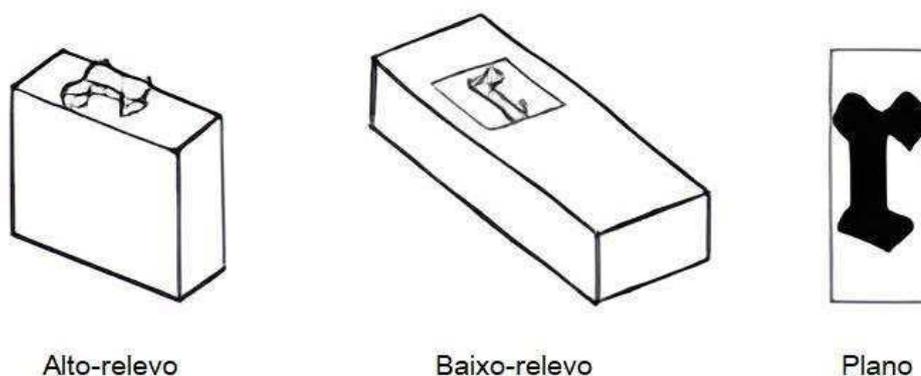
misto

misto

Fonte: O autor.

Quanto ao modo como as letras estão gravadas nos túmulos, a ficha também contempla o relevo em que as letras se apresentam (Figura 21), contendo: baixo-relevo; alto-relevo; plano; e misto (presença de mais de uma forma de gravação).

Figura 21: Exemplos de relevos



Fonte: *National Geographic* (2017)⁹, adaptado pelo autor.

3.3.3 Análise dos Epitáfios

Para coleta de dados e análise sobre os epitáfios, foi adotada a classificação apresentada por Santos (2015), contemplando: frase bíblica; ideias cristãs; noção de reencontro; notação de eternidade; epitáfios de homenagem; epitáfios com expressão de saudade e perpetuação da memória. Acrescentou-se nas fichas duas outras categorias não apresentadas por Santos (2015), que são os informativos, contendo apenas descrição sobre a pessoa sepultada; e epitáfios de característica de humor, que, apesar de não serem comuns, encontram-se em cemitérios do Brasil.

O Quadro 3 apresenta exemplos dos epitáfios identificados por Santos, e aqueles referentes ao que foi acrescentado nas fichas.

Quadro 3: Exemplos de frases e os gêneros dos epitáfios.

GÊNERO	FRASE/EPITÁFIO	
Frase bíblica	O Senhor é meu Pastor e nada me faltará. (Salmo 22)	SANTOS (2015)
Ideias cristãs	A alma santa é aquela que vive para Deus	
Noção de reencontro	A fé nos consola e a esperança nos anima a pensar na eternidade, que nos une novamente	
Notação de eternidade	A tua presença continuará no meio de nós e nem o tempo fará esquecer você	

⁹ Fonte: https://historia.nationalgeographic.com.es/a/gutenberg-inventor-que-cambio-mundo_11140.

Epitáfios de homenagem	Cumpriste dignamente a árdua jornada da vida	O AUTODR
Saudade/memória	Saudades eternas de todos os que a amavam	
Informativo	Oliver ★ 06/07/1897 † 07/08/1949	
Humor	Vivi todo arranhado mas não larguei a minha gata	

Fonte: Santos (2015) e o autor.

3.3.4 Análise Imagética

Para análise das imagens gravadas nos túmulos, foram levadas em consideração as figuras que Comanale (2020) apresenta em sua tese, adaptando suas classificações para atender aos objetivos estabelecidos nesta pesquisa. A parte de análise imagética está dividida entre antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo, objeto e símbolo (Quadro 4).

Quadro 4: Classificações das imagens

Antropomorfos:
Anjo
Anjo que aponta
Anjo Criança
Anjo do juízo final
Anjo Orante
Anjo Pensativo
Anjo Trombeta
Caveira
Caveira alada
Crânio
Figura Feminina
Ossos Cruzados
Zoomorfo:
Borboleta
Cachorro

Coruja
Felino
Galo
Ovelha
Pelicano
Pomba
Serpente
Fitomorfo:
Alcachofra
Café
Campânula
Chorão
<i>Flores</i>
Flor de Liz
Flor de Lótus
Flor de Papoula
Girassol
Ornato circular floral
Madressilva
Palma
Perpétua
Rosas
Violeta
Objetos:
Ampulheta
Âncora
Bigorna
Coroa
Foice
Lamparina
Livro aberto
Livro fechado
Tocha

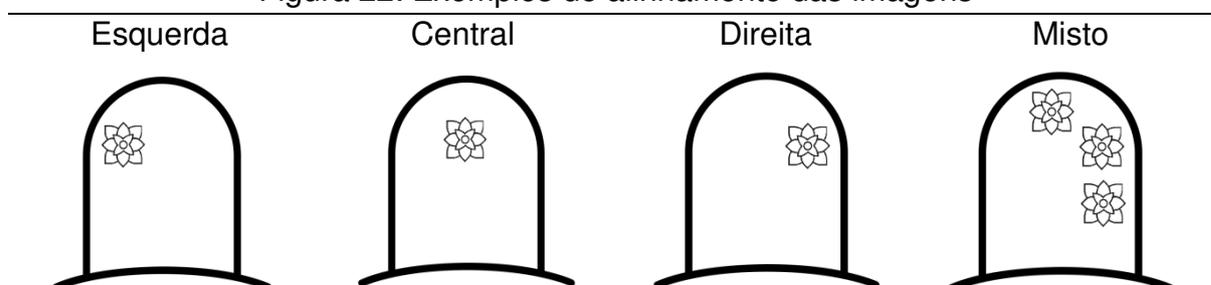
Urna funerária
Símbolo:
Brasão
Chama
Estrela de Davi
Monte Gólgota
Sol

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Comanale (2020).

Em cada categoria, foi adicionada nas fichas a opção “outra”, referente a imagens que pudessem não se enquadrar nas alternativas sugeridas. Na classificação fitomorfa, também foi adicionada a opção chamada apenas de “flores”, direcionando para imagens de flores em que não fosse possível identificar a sua espécie.

A ficha de análise imagética também contempla o alinhamento da imagem no túmulo ou na placa, assim como as tipografias: alinhamento à esquerda; centralizada; à direita; e misto (Figura 22).

Figura 22: Exemplos de alinhamento das imagens



Fonte: O autor.

3.4 Proposta de Modelo

A Figura 23 apresenta a ficha preenchida para melhor compreensão das informações de dados adaptados de Valadares (2007), Kane (2012), Comunale (2020) e Santos (2015), durante o teste-piloto na primeira visita ao Cemitério dos Ingleses de Recife.

Figura 23: Fichas de análise elaboradas

PPGDesign UFCG – FICHAS – BRUNO VIEIRA				
REGISTRO				
Cemitério: Recife				
Ano de falecimento: 1917		Número de sepultados: 1		
Arquitetura	<input checked="" type="radio"/> Horizontal interno	<input type="radio"/> Horizontal externo	<input type="radio"/> Jazigo capela	<input type="radio"/> Catacumba
	<input type="radio"/> Cenotáfio	<input type="radio"/> Mausoléu	<input type="radio"/> Túmulo vertical	<input type="radio"/> Outra:
FOTO				
EPITÁFIO				
<input type="radio"/> Frase bíblica	<input type="radio"/> Ideia cristã	<input type="radio"/> Reencontro	<input type="radio"/> Eternidade	<input type="radio"/> Homenagem
<input type="radio"/> Saudade/memória	<input checked="" type="radio"/> Informativo	<input type="radio"/> Humor	<input type="radio"/> Inidentificável	<input type="radio"/> Outro:
ANÁLISE TIPOGRÁFICA				
Disposição d. letras	<input checked="" type="radio"/> Linear	<input type="radio"/> Curvilínea	<input type="radio"/> Diagonal	<input type="radio"/> Horizontal
	<input type="radio"/> Vertical	<input type="radio"/> Mista		
Estilo	<input checked="" type="radio"/> Romana	<input type="radio"/> Egípcia	<input type="radio"/> Sem serifa	<input type="radio"/> Gótica
	<input type="radio"/> Cursiva	<input type="radio"/> Decorativa	<input type="radio"/> Let. informal	<input type="radio"/> Não latina
	<input type="radio"/> Outra:			
Caixa	<input checked="" type="radio"/> C.A	<input type="radio"/> C.B	<input type="radio"/> C.A e C.B	<input type="radio"/> V. versalete
Alinhamento	<input type="radio"/> Esquerda	<input checked="" type="radio"/> Central	<input type="radio"/> Direita	<input type="radio"/> Misto
Relevo	<input type="radio"/> Alto	<input type="radio"/> Baixo	<input type="radio"/> Plano	<input checked="" type="radio"/> Misto

ANÁLISE IMAGÉTICA				
Alinhamento	<input type="radio"/> Esquerda	<input checked="" type="radio"/> Central	<input type="radio"/> Direita	<input type="radio"/> Misto
Antropomorfo	Zoomorfo	Fitomorfo	Objeto	Símbolo
<input type="radio"/> Anjo	<input type="radio"/> Borboleta	<input type="radio"/> Alcachofra	<input type="radio"/> Ampulheta	<input type="radio"/> Brasão
<input type="radio"/> Anjo aponta	<input type="radio"/> Cachorro	<input type="radio"/> Café	<input checked="" type="radio"/> Âncora	<input type="radio"/> Chama
<input type="radio"/> Anjo criança	<input type="radio"/> Coruja	<input type="radio"/> Campânula	<input type="radio"/> Bigorna	<input type="radio"/> Estrela de Davi
<input type="radio"/> Anjo juízo final	<input type="radio"/> Felino	<input type="radio"/> Chorão	<input type="radio"/> Coroa	<input type="radio"/> Monte Gólgota
<input type="radio"/> Anjo orante	<input type="radio"/> Galo	<input type="radio"/> Flores	<input type="radio"/> Foice	<input type="radio"/> Sol
<input type="radio"/> Anjo pensativo	<input type="radio"/> Ovelha	<input type="radio"/> Flor de Liz	<input type="radio"/> Lamparina	
<input type="radio"/> Anjo trombeta	<input type="radio"/> Pelicano	<input type="radio"/> Flor de Lótus	<input type="radio"/> Livro aberto	
<input type="radio"/> Caveira	<input type="radio"/> Pomba	<input type="radio"/> Flor de Papoula	<input type="radio"/> Livro fechado	
<input type="radio"/> Crânio	<input type="radio"/> Serpente	<input type="radio"/> Girassol	<input type="radio"/> Tocha	
<input type="radio"/> Figura feminina		<input type="radio"/> Ornato Circ. Floral	<input type="radio"/> Urna funerária	
<input type="radio"/> Ossos cruzados		<input type="radio"/> Louro		
		<input type="radio"/> Madressilva		
		<input type="radio"/> Palma		
		<input type="radio"/> Perpétua		
		<input type="radio"/> Rosas		
		<input type="radio"/> Violeta		
Outra:				

OBSERVAÇÕES

Túmulo referente à atuante na guerra mundial. Lápide vinda da Inglaterra.

Fonte: O autor.

Além do decalque realizado em algumas lápides, que ajudou na identificação das informações, também foi necessário fazer procedimento de limpeza, pois algumas lápides estavam cobertas de terra, sendo impossível a visualização dos elementos na superfície.

Quanto ao recorte temporal, não foi possível afirmar a data exata em que a lápide foi construída ou colocada no cemitério, pois alguns túmulos foram construídos tempos depois do falecimento do indivíduo. Deste modo, foram consideradas como recorte temporal as datas de falecimento presentes nas lápides, possibilitando uma aproximação sobre a possível data em que o túmulo foi construído.

CAPÍTULO IV

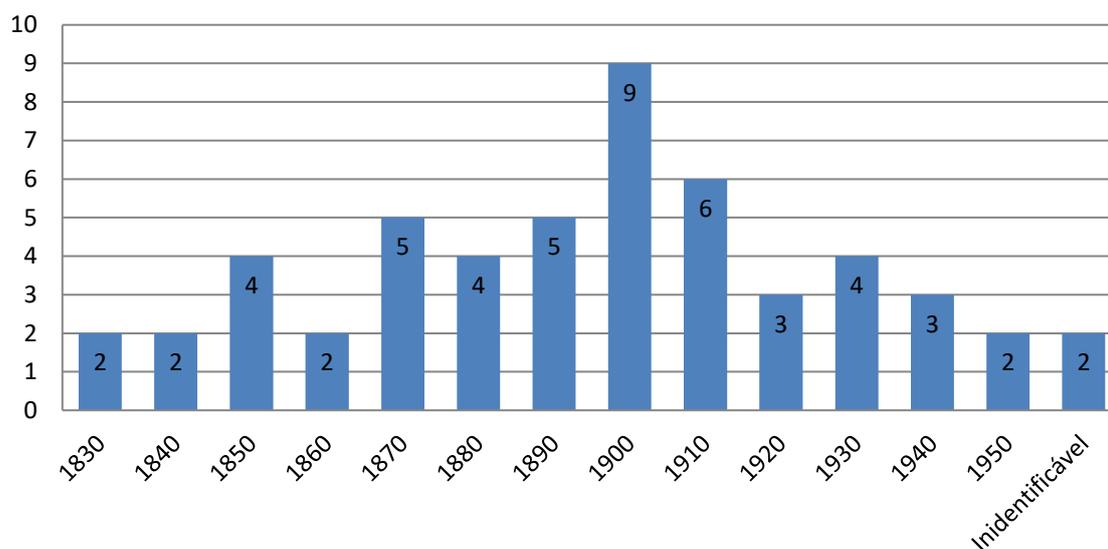
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, serão discutidos os dados coletados nos cemitérios dos ingleses, abordando as tipografias e demais aspectos gráficos, como as imagens, os epitáfios, e a composição visual dos túmulos, assim como cada elemento se conecta a outro.

Os números de túmulos investigados compuseram a amostragem de 51 túmulos no cemitério de Recife, e 61 no de Salvador, totalizando 112 túmulos analisados. Esse número não corresponde à totalidade de edificações tumulares com a presença de imagens gravadas nos critérios estudados nesta pesquisa, pois considera-se possibilidades que podem ter dificultado a visualização de imagens nas lápides. Alguns apresentam alta estatura dos túmulos, nível de desgaste das representações, assim como intempéries nas superfícies das gravações, impossibilitando o acesso pelo pesquisador.

Dentre os dados coletados, pode-se observar, no Gráfico 1, as décadas com a maior quantidade de sepultamentos no cemitério de Recife, com o número de 24 mortos entre as décadas de 1830 e 1890; e 29 mortos entre 1900 e 1950; e ainda dois túmulos cujas datas estavam ilegíveis, mas que, por suas características, denotam os períodos em questão (século XIX e XX). A década de 1900 foi o período com maior quantidade de sepultamentos (9 falecidos), seguida pela década de 1910 (6 falecidos), e 1870, com cinco sepultamentos. Vale salientar que a quantidade de falecimentos apresentada no gráfico é superior ao número de túmulos analisados. Isso ocorre porque alguns túmulos possuem mais de um indivíduo sepultado, sendo as datas dos falecimentos iguais ou diferentes, totalizando três túmulos compartilhados.

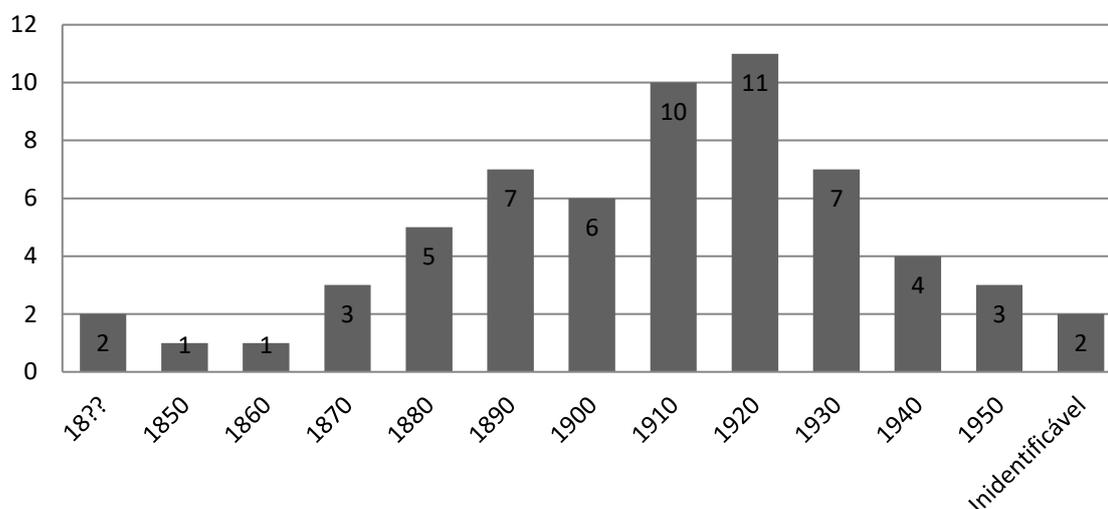
Gráfico 1: Número de óbitos por décadas em Recife



Fonte: O autor.

Quanto à amostragem temporal por falecimentos no cemitério de Salvador, nota-se, no Gráfico 2, uma maior quantidade de túmulos coletados nas décadas de 1910 (10 sepultamentos) e 1920 (11 sepultamentos). Entre as décadas de 1850 e 1890, e ainda entre as décadas não identificadas do século XIX, foram contabilizados 19 sepultamentos, e 41 sepultamentos de 1900 a 1950. Dentre estes números, cinco túmulos são compartilhados.

Gráfico 2: Número de óbitos por décadas em Salvador

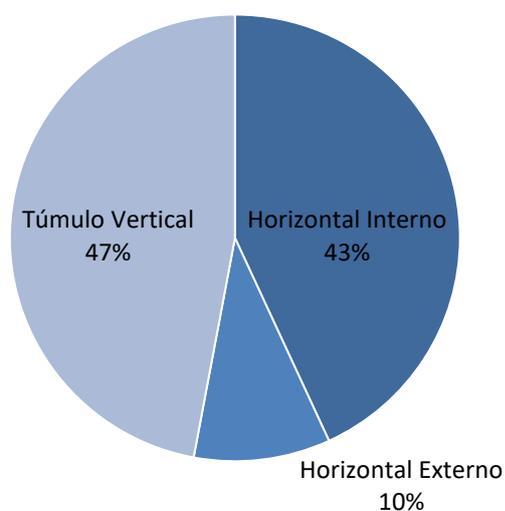


Fonte: O autor.

Quanto à tipologia da arquitetura tumular, houve dificuldade em identificar se algumas lápides presentes nas paredes eram de túmulos horizontais internos ou verticais. Esses túmulos estavam presentes na parte inferior do muro, próximos ao pavimento, e não havia estruturas de alvenaria e nem tampos que demarcavam um espaço de presença de sepultamento no pavimento. Por este motivo, essas lápides foram classificadas como túmulos verticais.

No Gráfico 3 está representada a quantidade de túmulos que foram analisados em Recife. Das sete categorias constantes nas fichas, apenas três tipologias foram identificadas na coleta. Túmulos verticais aparecem em maior quantidade, foram 24 no total (47%), acompanhados dos túmulos horizontais internos, com a quantidade de 22 (43%) e, por fim, os que aparecem em menor quantidade, os túmulos horizontais externos, quantificados em 5 túmulos (10%).

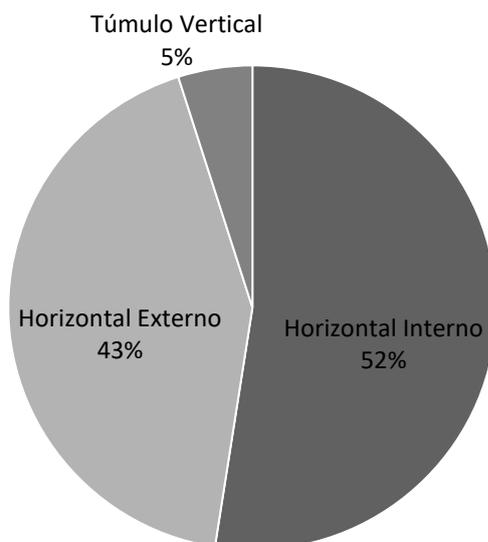
Gráfico 3: Tipologia arquitetônica tumular em Recife



Fonte: O autor.

Assim como em Recife, o cemitério de Salvador também foi identificado com as mesmas tipologias arquitetônicas (Gráfico 4), porém, em quantidades diferentes. Os túmulos horizontais internos foram maioria, com 32 túmulos (52%), em seguida os horizontais externos, com 26 (43%) e, os túmulos verticais em menor quantidade, apenas três (5%).

Gráfico 4: Tipologia arquitetônica tumular em Salvador



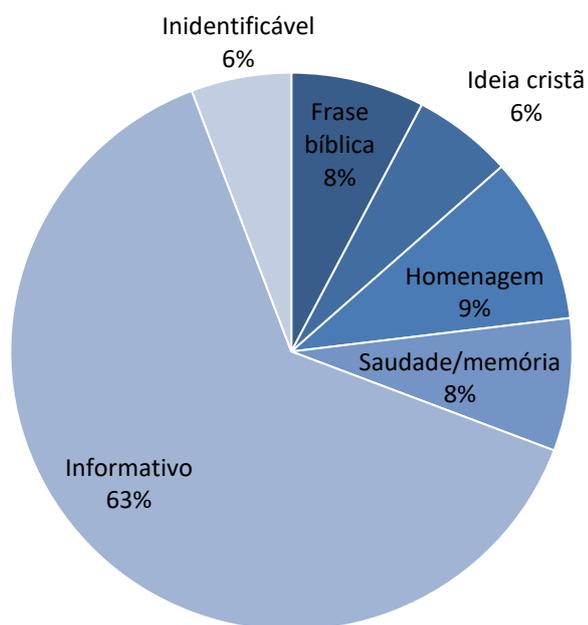
Fonte: O autor.

4.1 Dados dos Epitáfios

Em ambos os cemitérios visitados, observou-se por meio dos túmulos analisados uma quantidade maior de epitáfios informativos, contabilizando 33 (63%) inscrições em Recife, e 18 (28%) em Salvador.

Os epitáfios identificados em Recife seguiram-se na seguinte quantidade: homenagem, com 5 (9%); saudade/memória, com 4 (8%) inscrições; frases bíblicas, com 4 (8%); ideias cristãs, com 3 (6%); e ainda os epitáfios inidentificados, com 3, o que equivale a 6% da coleta (Gráfico 5).

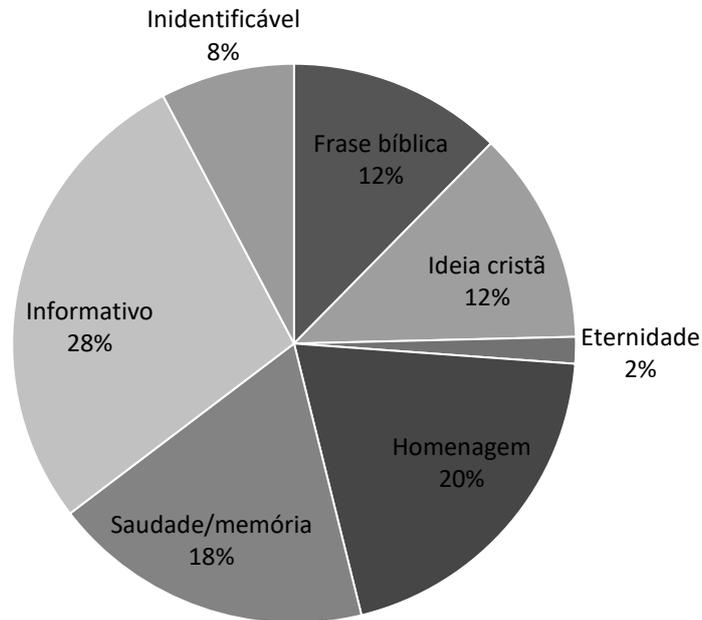
Gráfico 5: Gêneros dos epitáfios de Recife



Fonte: O autor.

Quanto aos epitáfios de Salvador, de forma decrescente, nota-se as recorrências das inscrições da seguinte forma: homenagem, com 13 (9%) das inscrições; saudade/memória, com 12 (8%); frases bíblicas, com 8 (8%); ideias cristãs, com 8 (6%); epitáfios de eternidade, com 1 (1%); e os inidentificáveis com 5 inscrições, ou seja, 8% da coleta (Gráfico 6).

Gráfico 6: Gêneros dos epitáfios de Salvador



Fonte: O autor.

4.2 Análise das Tipografias

Tratando-se das disposições das tipografias nos túmulos analisados, identificaram-se apenas duas classificações: mista e linear. Os túmulos que apresentam as tipografias em disposições mistas aparecem em menor quantidade nos dois cemitérios. Nestes túmulos de disposição mista, são apresentadas frases curtas, em curvilínea, enquanto o texto mais longo é disposto de forma linear (Figura 24). Também encontrou-se, em menor quantidade, pequenos trechos escritos em vertical curvilíneo, como mostra a Figura 25. Em Recife, foram contabilizados 10 túmulos, o que equivale a 20%, e em Salvador, foram 13 túmulos, o equivalente a 23%.

Figura 24: Disposição tipográfica mista em curvilínea e linear



Fonte: O autor.

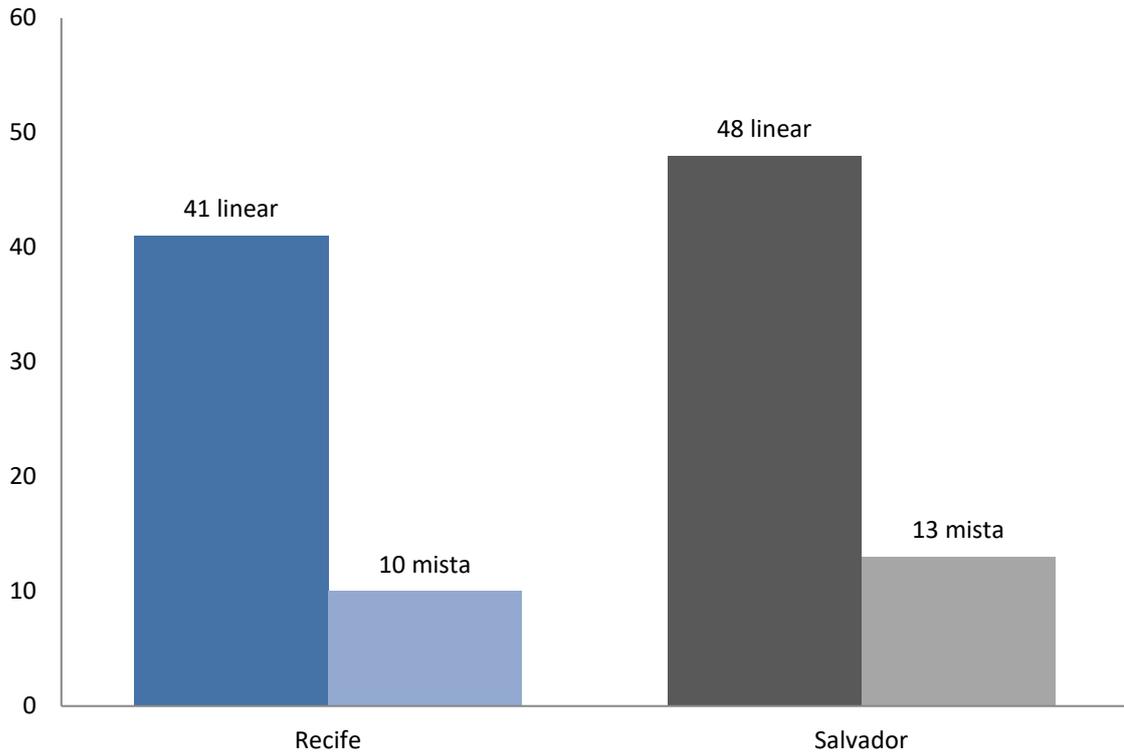
Figura 25: Disposição tipográfica mista em vertical curvilíneo e linear



Fonte: O autor.

Os túmulos que contemplam apenas disposição linear aparecem com maior frequência, sendo 41 (80%) túmulos. Quanto ao cemitério em Salvador, foi contabilizado 48 (76%) com disposição linear das tipografias (Gráfico 7).

Gráfico 7: Disposições das tipografias em Recife e em Salvador



Fonte: O autor.

Quanto aos estilos tipográficos, observou-se uma maior recorrência no uso de tipografias sem serifas (Figura 26) em ambos os cemitérios, totalizando em 28 inscrições, equivalente a 41% dos estilos tipográficos coletados no cemitério de Recife e 55 inscrições (45%) em Salvador. Foram contabilizados 18 túmulos, em Recife, que apresentam apenas a tipografia sem serifa, enquanto em Salvador, foram 17 túmulos.

Figura 26: Tipografias sem serifas em Recife e em Salvador



Fonte: O autor.

Como ilustra o Gráfico 8, de 19 túmulos das décadas do século XIX em Recife, 12 possuem tipografia sem serifa, equivalente a 34% do total. Nas décadas seguintes do século XX, a quantidade observada no uso deste estilo passou a ser mais recorrente: dos 41 túmulos, 18 são sem serifas, ou seja, 55%. O crescimento no uso das letras sem serifas em Salvador também é notório, passando de 42% para 47% dos túmulos. É importante ressaltar que estas observações, quando se trata de datas, só são possíveis para os túmulos nos quais pôde-se identificar alguma informação sobre a data de falecimento do indivíduo, enquanto que, para as tipografias sem serifas, apenas um túmulo não apresentou a datação. Outra questão nesta comparação entre as décadas são os túmulos compartilhados, em que os indivíduos que têm datas de falecimento que passam pelo século XIX e XX. Nestes casos, contabilizaram-se os dois períodos.

Na amostra analisada, também foram encontrados exemplos de outros estilos tipográficos. As tipografias romanas (Figura 27) vêm em seguida, com maior quantidade, 25 inscrições (36%) em Recife e 22 (18%) em Salvador. Nas décadas do século XIX, as romanas eram representadas por 40% dos túmulos, enquanto no

século XX houve uma diminuição para 30%. Este estilo está presente em 28% das inscrições no cemitério de Salvador nas décadas do século XIX, e em 14% no século XX, notando-se que em ambos os cemitérios as tipografias romanas foram menos recorrentes no século XX.

Figura 27: Tipografias romanas em Recife e em Salvador



Fonte: O autor.

Observou-se também que em Recife os túmulos que contemplam apenas a tipografia romana em suas inscrições totalizaram 14 túmulos, enquanto em Salvador foi identificado apenas um túmulo. Entre as inscrições romanas, foi identificada a tipografia desenhada pelo tipógrafo e designer inglês MacDonald Gill (conhecido pelo nome Max Gill) para a Comissão Imperial de Túmulos de Guerra, em homenagem aos que atuaram na primeira e segunda guerra mundial (Figura 28). A tipografia tumular desenhada por Gill foi projetada para ser esculpida em um ângulo de 60 graus (Figura 29), que além de resistir às intempéries, também proporcionam mais sombra, tendo uma maior legibilidade quando visto à distância (WALKER, 2020).

Figura 28: Design de túmulo criado por Max Gill



Fonte: O autor.

Figura 29: Tipografia tumular, de Max Gill



Fonte: Walker (2020).

As inscrições em estilo egípcia (Figura 30) ficam em terceira posição como a tipografia mais recorrente nos dois cemitérios, sendo 5 (7%) em Recife, e em maior quantidade em Salvador, com 19 (15%). Notou-se uma variação na aplicação do estilo

nas décadas do século XIX e XX, enquanto em Recife foram entre 8% e 6%, havendo uma quantidade menor no século XX. Em Salvador, os dados apontam para o século XX com a maior quantidade, de 11% para 19%. Notou-se também uma quantidade pequena de túmulos que possuem apenas a tipografia egípcia, dois túmulos em Recife e apenas um em Salvador.

Figura 30: Tipografias egípcias em Recife e Salvador



Fonte: O autor.

Os túmulos que apresentam apenas um estilo tipográfico são maioria na coleta realizada em Recife, totalizando 36 túmulos, 72% do total; enquanto em Salvador são minoria, apenas 19 túmulos apresentam apenas um estilo, ou seja, 31%.

As tipografias cursivas (Figura 31) são exemplos das inscrições que estão sempre acompanhadas de outros estilos de letras, e o seu uso se aplica para destacar nomes, datas de falecimento ou partes do epitáfio. Apenas um caso aparece em Salvador em que a lápide é composta, em sua maioria, por letras cursivas. Esse estilo também é minoria entre as categorias tipográficas. Em Recife e em Salvador, as cursivas correspondem a 4% das inscrições, aparecendo em três túmulos de Recife e

todas datadas do século XIX (1845, 1856 e 1870). Em Salvador, foram contabilizadas cinco lápides, que datam de 1871, 1917, 1930, e dois túmulos de 1936.

Figura 31: Tipografias cursivas em Recife e Salvador



Fonte: O autor.

Quanto às letras góticas (Figura 32), apresentam a mesma quantidade para Recife e Salvador, presentes em quatro túmulos de cada cemitério, respectivamente, nas porcentagens de 6% e 3%. A porcentagem no uso nas décadas do século XIX e XX em Recife é, igualmente, 3%, e em Salvador corresponde a 5% e 2% das inscrições. Mesmo que o século XX tenha resultado quantidade maior de góticas em Salvador, a porcentagem mostra o uso menos frequente neste período no cemitério da Bahia.

Figura 32: Tipografias góticas em Recife e Salvador



Fonte: O autor.

De modo geral, assim como as cursivas, as góticas e as tipografias decorativas também aparecem destacando partes das inscrições dos túmulos. As góticas e as decorativas do tipo toscanas compõem breves inscrições iniciais, como *beloved*, *sacred*, *erected* e nome do falecido (Figura 33), enquanto as decorativas em *outline* presentes no cemitério de Salvador descrevem frases como “jazigo perpétuo”, “aqui jaz” e datas. As inscrições decorativas em ambos os cemitérios são de 4%, presente em três túmulos em Recife e em cinco túmulos em Salvador.

Quanto aos monogramas, alguns estão compostos com tipografia toscana ou romana. Segundo Ferreira (2000, p. 470), os monogramas são “entrelaçamento de letras iniciais ou principais do nome de pessoa ou entidade”. O monograma IHS, presente em ambos os cemitérios dos ingleses, de acordo com *The Anglican Church of Canada* (2022), significa *Jesus Hominum Salvator* (Jesus, Salvador da Humanidade), e é comumente usado nos cemitérios protestantes, e quando as letras não estão dispostas uma ao lado da outra, são sobrepostas.

Figura 33: Tipografias decorativas em Recife e Salvador



Fonte: O autor.

A classificação tipográfica para as não latinas aparece apenas no Cemitério dos Ingleses de Salvador (Figura 34), e todas elas são em hebraico, e acompanham inscrições também em português. No *corpus* da coleta, apenas um túmulo é do século XIX. Do século XX, foram contabilizados 10 túmulos, em dois túmulos não foi possível a identificação da data.

Como visto anteriormente, os túmulos dos judeus estão próximos uns do outro, ficando em uma ala reservada no cemitério. Com isso, foi possível observar outros túmulos que não foram inseridos na coleta dos dados por não se enquadrarem em um dos critérios estabelecidos, que é a ausência de imagens. Porém, notou-se que esses túmulos não incorporados à pesquisa são uma quantidade menor do que os que foram coletados, e os que se apresentam em maior quantidade datam do século XX. Apenas em um destes túmulos não inseridos nos gráficos não foi possível identificar a data, por conter toda a inscrição em hebraico.

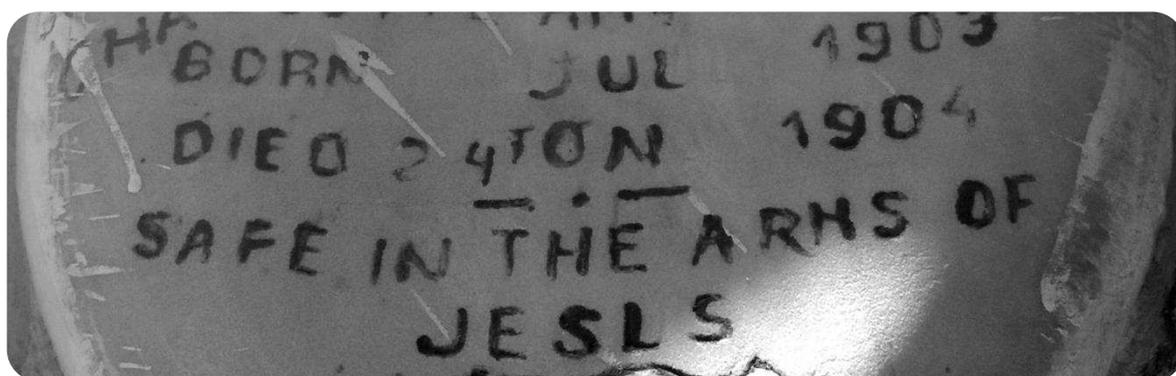
Figura 34: Tipografias não latinas em Salvador



Fonte: O autor.

Quanto à tipografia de característica de letreiramento informal, esta aparece em apenas um túmulo do cemitério de Recife (Figura 35), que data de 1904. Com base em Finizola (2010), foi possível descrever a tipografia como letreiramento caligráfico e amador. Nota-se, nas letras, a ausência de padronização nas suas formas, e até entre os mesmos caracteres. Seus traços são irregulares, em caixa-alta e escritas em disposição mista, ou seja, o texto encontra-se tanto na horizontal como também em curvilínea.

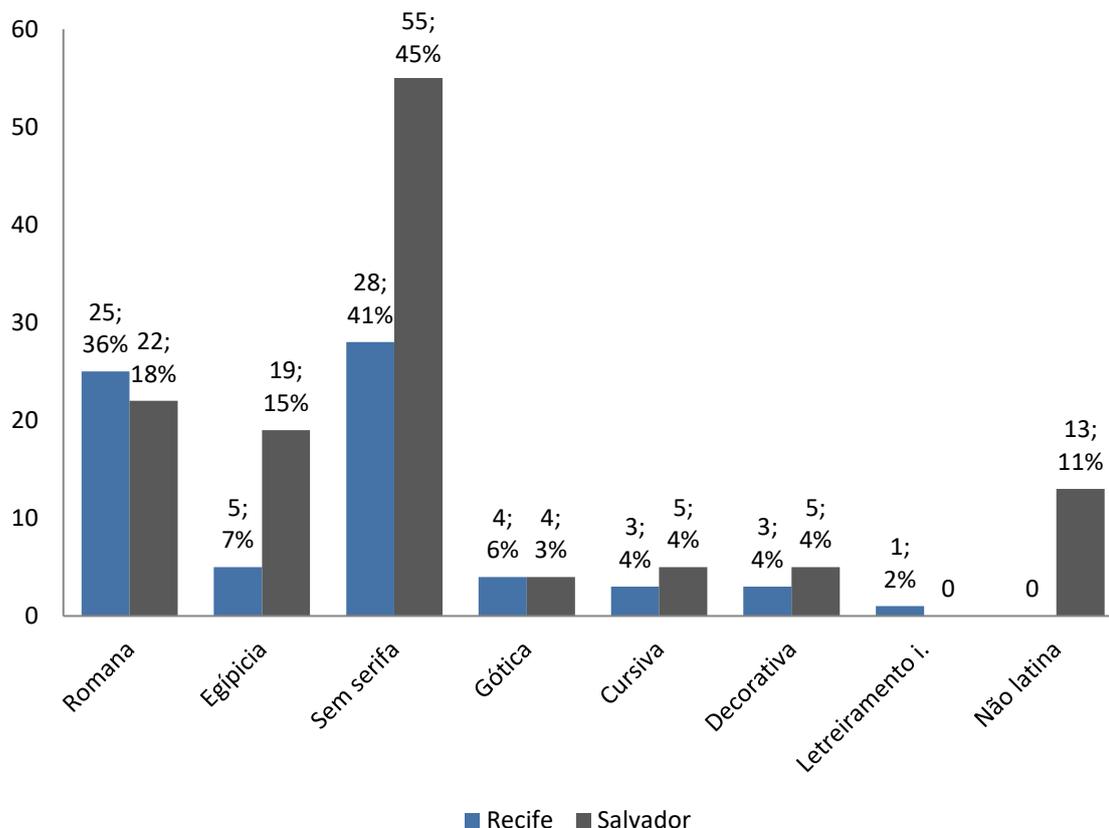
Figura 35: Letreiramento informal em Recife



Fonte: O autor.

No Gráfico 8, pode se observar um comparativo da quantidade das tipografias nos túmulos, assim como a porcentagem no cemitério de Recife e Salvador.

Gráfico 8: Comparativo da quantidade de cada estilo tipográfico entre os cemitérios de Recife e Salvador

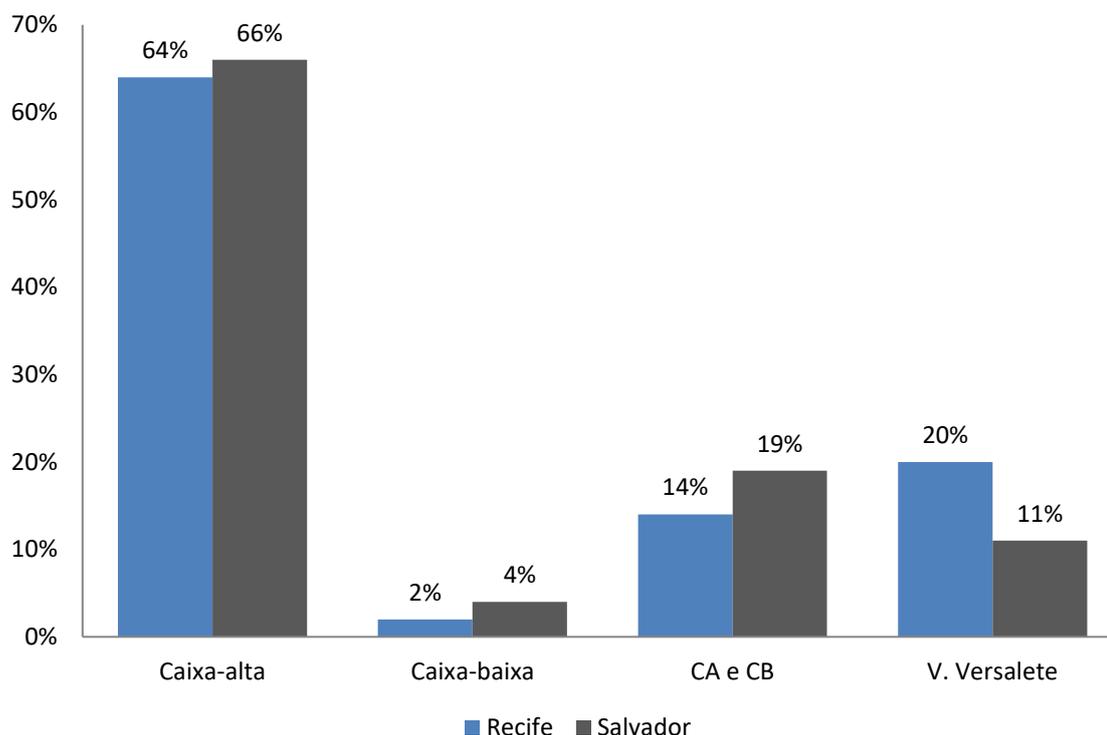


Fonte: O autor.

Outro ponto observado foram as caixas das tipografias. Nota-se, no Gráfico 9, que as tipografias em caixa-alta são mais frequentes em ambos os cemitérios, fazendo um total de 38 (64%) túmulos em Recife e de 52 (66%) em Salvador. Em menor quantidade, por ordem decrescente, em Recife encontra-se: tipografias em versalete, 12 (20%); caixa-alta e caixa-baixa, em 8 (14%) túmulos; e, por fim, apenas um túmulo com tipografia em caixa-baixa, equivalente a 2%.

Em Salvador, depois das caixa-altas, encontra-se em maior quantidade tipografia em caixa-alta e baixa, 15 (19%); versalete em 9 (11%) túmulos; e caixa-baixa em 3 (4%).

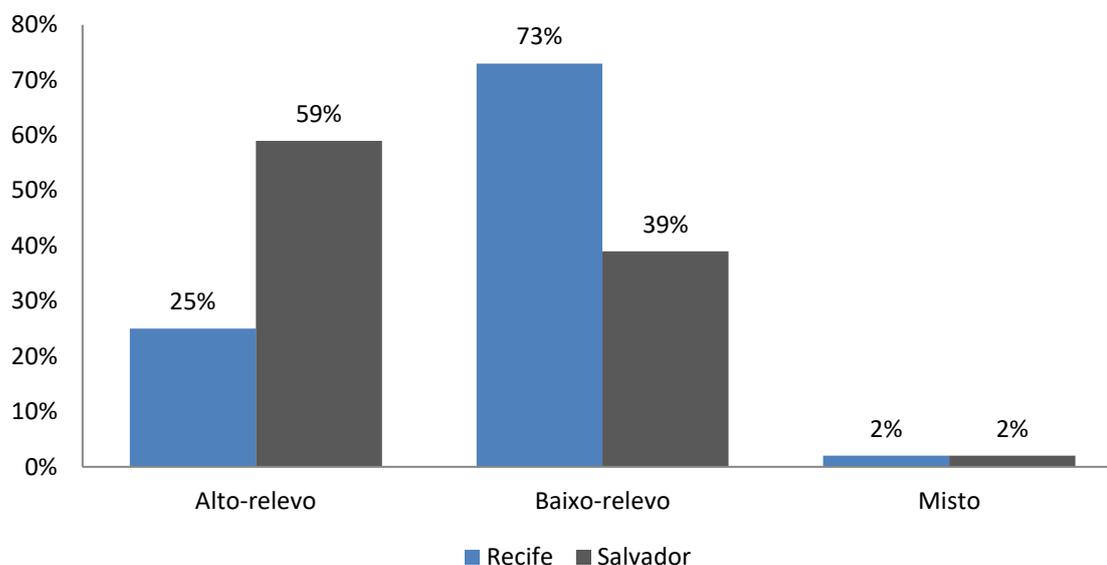
Gráfico 9: Caixas dos tipos em Recife e Salvador



Fonte: O autor.

Quanto aos relevos das tipografias, nota-se diferenças entre o cemitério de Recife e Salvador. Ao observar o Gráfico 10, é possível verificar maior quantidade de inscrições em alto-relevo no cemitério de Salvador, com 36 inscrições (59%); enquanto no cemitério de Recife, as inscrições estão gravadas com maior quantidade em baixo-relevo, sendo 37 inscrições (73%). Em seguida, com menor quantidade, Salvador apresenta 24 (39%) inscrições em baixo-relevo, e Recife com 13 (25%) inscrições em alto-relevo. Em mesma quantidade e com menos recorrência em ambos os cemitérios, encontra-se as inscrições mistas, ou seja, túmulos com alto e baixo-relevo aparecem em apenas uma lápide de cada cemitério.

Gráfico 10: Relevos das tipografias em Recife e Salvador



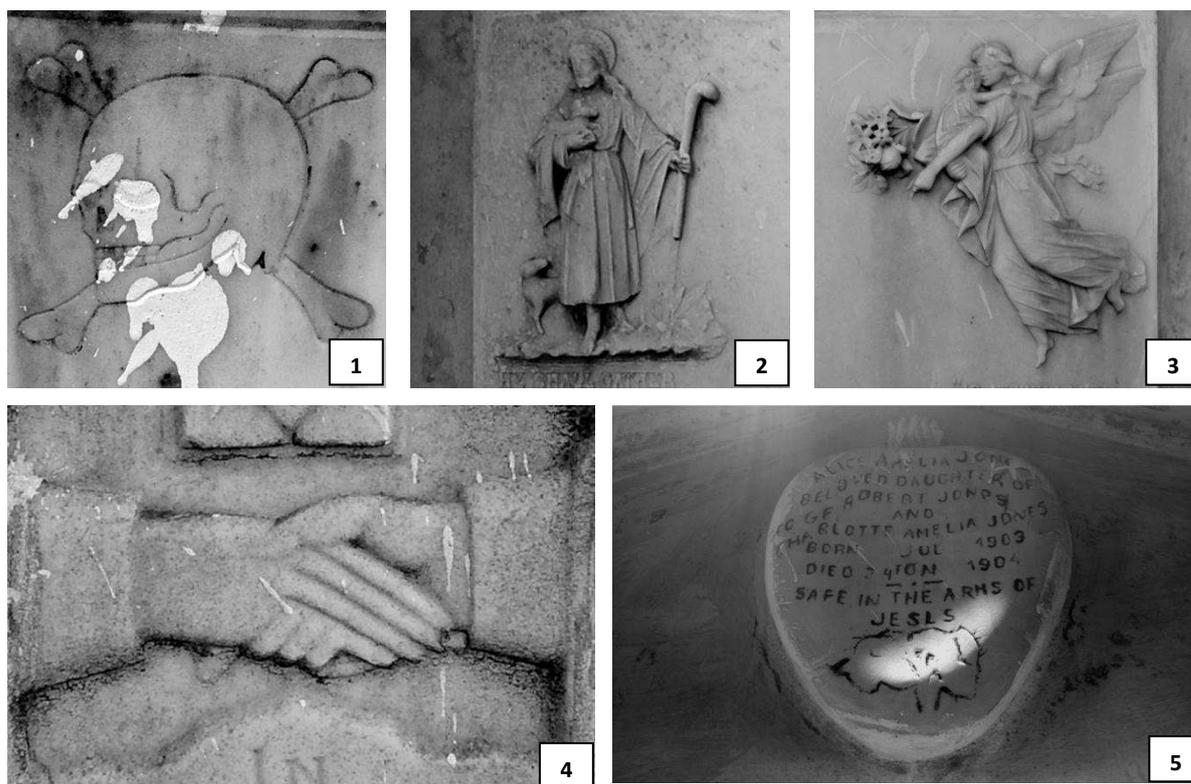
Fonte: O autor.

4.3 Análise das Imagens

Quanto às imagens nos túmulos, foi possível observar a presença de diferentes representações, como as formas antropomórficas (semelhantes a figuras humanas), zoomorfas (representações de animais) e fitomorfas (imagens de plantas e frutos) e as imagens que representam símbolos. Algumas das imagens observadas são aquelas que compuseram as fichas; contudo, outras representações também foram identificadas.

As representações antropomorficas em Recife se diferenciam daquelas presentes no cemitério de Salvador, tendo uma maior variedade de imagens gravadas nos túmulos, indo de representações de corpo completo ou apenas alguns órgãos, como estruturas esqueléticas, mãos e coração (Figura 36). Ao total, são 6 representações antropomorficas em Recife. Algumas dessas imagens estão classificadas em mais de uma categoria, apresentando, por exemplo, representações antropomorficas e fitomorfas.

Figura 36: Antropomorfo em Recife



Fonte: O autor.

A representação de um crânio com ossos cruzados é uma das imagens presentes no cemitério de Recife, com o ano de falecimento datado em 1856, acompanhado de epitáfio apenas informativo e escrito em alemão. Vincent (2008) explica que as figuras de caveiras são exemplos vistos com mais frequência nos cemitérios da Inglaterra, tendo imagens semelhantes em suas catedrais e igrejas, mostrando influência da igreja para as imagens gravadas nos cemitérios.

Vincent (2008) exemplifica as imagens de caveiras encontradas em cemitérios ingleses, e em sua maioria, são representações de crânios que podem estar sozinhos ou acompanhados de outras imagens.

De acordo com Comunale (2020), representações de crânios encontram-se em numerosos túmulos do século XIX, tendo o propósito de lembrar a finitude, e quando acompanhadas de ossos cruzados, trazem significado do fim da vaidade e o desapego à vida material. Apesar dos autores falarem da recorrência das representações de caveiras e crânios nos cemitérios, identificou-se apenas um túmulo com essa representação imagética.

As duas imagens seguintes, 2 e 3 (Figura 36), pertencem ao túmulo de uma criança que faleceu aos 27 meses, no ano de 1894 (período com predominância do estilo *Art Nouveau*, no qual nota-se a referência à tipografia sem serifas e com traços orgânicos no túmulo). As imagens religiosas cristãs mostram uma figura feminina com uma criança em seus braços, afirmando cuidado e proteção que se reafirma por meio do epitáfio que diz:

“Tudo bem com a criança? Está bem.”¹⁰

A figura masculina faz referência a um pastor, com a presença de auréola, alusão a Jesus como o bom pastor e protetor. O epitáfio no túmulo reforça esse entendimento, expressando o seguinte verso bíblico: “Ele deve reunir os cordeiros em seu braço e carregar eles em seu seio”¹¹. Percebe-se que as imagens e os epitáfios deste túmulo se conectam ao enfatizarem a mensagem um do outro.

A imagem 4 (Figura 35), com data de falecimento 1902 e de epitáfio informativo, apresenta duas mãos que se cumprimentam. O mesmo túmulo também apresenta um símbolo maçônico, o que pode reforçar o significado da imagem das mãos como uma representação da instituição. De acordo com Carvalho e Chaves (2015), a união de duas mãos na maçonaria significa auxílio e mutualidade, e por meio dos cumprimentos das mãos se distinguem posições hierárquicas dos membros da maçonaria. Rezende (2007) também explica que o uso de imagens de mãos em túmulos representa a união já usada pelos povos incas em ritos funerários.

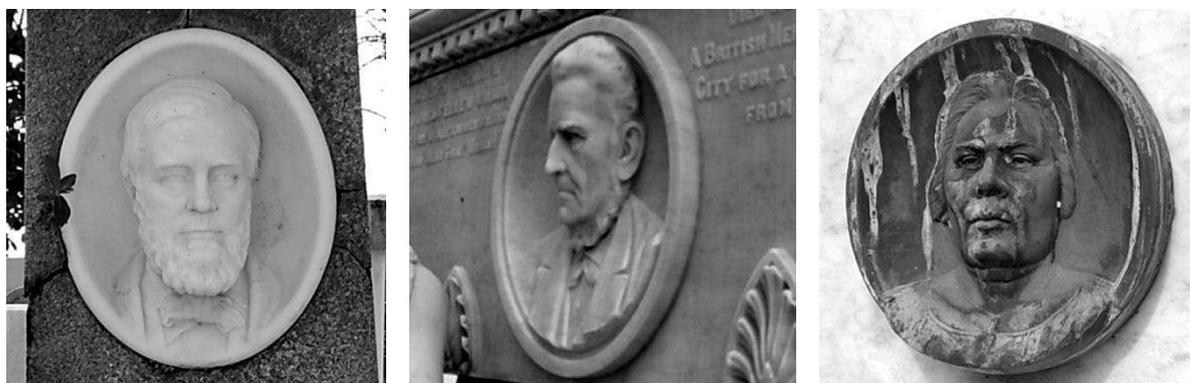
A imagem 5 (Figura 35) mostra uma representação do sagrado coração de Jesus, acompanha ainda uma flor e dentro da forma do coração está presente o epitáfio do gênero ideia cristã. De acordo com as representações de corações analisadas por Dalmáz (2000) nos cemitérios, a imagem carrega diferentes significados de passagens bíblicas, como sentimentos e virtudes. Quanto a esse símbolo ligado a Cristo, o autor (2000) afirma que sua principal expressão é amor flamejante, assim como o epitáfio menciona que a menina falecida em 1904, ano seguinte ao seu nascimento, “segura nos braços de Jesus”.

¹⁰ Tradução nossa: *IS IT WELL WITH THE CHILD? IT IS WELL.*

¹¹ Tradução nossa: *HE SHALL GATHER THE LAMBS IN HIS ARM AND CARRY THEM IN HIS BOSOM.*

Foram identificadas três imagens antropomorfas no cemitério de Salvador (Figura 37), sendo elas medalhões ovais e redondos com faces masculinas dos falecidos. Silva e Rodrigues (2019) explicam que imagens antropomorfas de faces em medalhões são características do ideal burguês de morte na década de 1960. Contudo, as imagens identificadas em Salvador são anteriores à década de 60, tendo esses túmulos as datas de falecimento nos anos de 1882, 1887 e 1936. Entre as figuras coletadas, identificaram-se duas personalidades de renome na época, nas funções de médico e empresário.

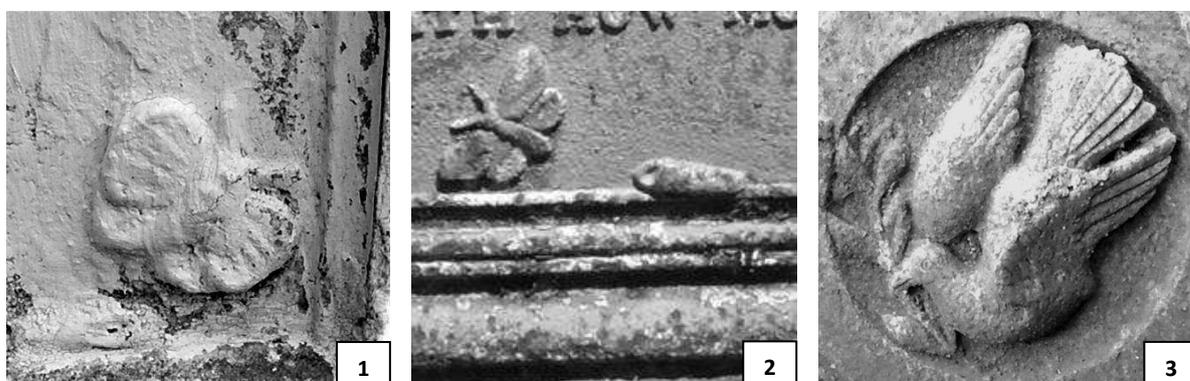
Figura 37: Antropomorfo em Salvador



Fonte: O autor.

Quanto às imagens zoomorfas, apenas foram identificadas no cemitério de Recife, sendo elas três representações imagéticas contendo dois túmulos com imagens de borboletas e um túmulo com imagem de uma pomba (Figura 38).

Figura 38: Zoomorfo em Recife



Fonte: O autor.

A imagem 1 (Figura 38) com data de falecimento do ano de 1834 e a imagem 2, de 1853, mostram dois túmulos com representações imagéticas de borboletas, que, de acordo com os nomes, indicam pertencerem a dois indivíduos do gênero feminino. O túmulo da imagem 1 indica a idade de falecimento com 26 anos, e o túmulo da imagem 2 não apresenta a idade e nem a data de nascimento. Porém, a inscrição sugere que a mulher era casada, o que possivelmente não constitui representação imagética de túmulos considerados na época como de “inocentes”, ou seja, de crianças.

De acordo com Comunale (2020, p. 153), as imagens de borboletas “assim como na natureza, sua representação nos túmulos indica a metamorfose do indivíduo que faleceu até a sua ressurreição”. Essa informação também se confirma pela instituição londrina Royal Parks (2023), com a identificação de imagens de borboletas no Cemitério de Brompton, mencionando que esta representação é usada para simbolizar os ciclos do nascimento e morte até à ressurreição. Ambos os túmulos apresentam epitáfios de homenagem, não fazendo menção aos significados atribuídos à borboleta.

A imagem 3 (Figura 38) representa uma pomba com um ramo no bico. Na fé cristã, a pomba é comumente relacionada ao símbolo da paz, e em se tratando de cemitério, remete ao desejo de “descanso”, “repouso” e “paz” para a pessoa falecida.

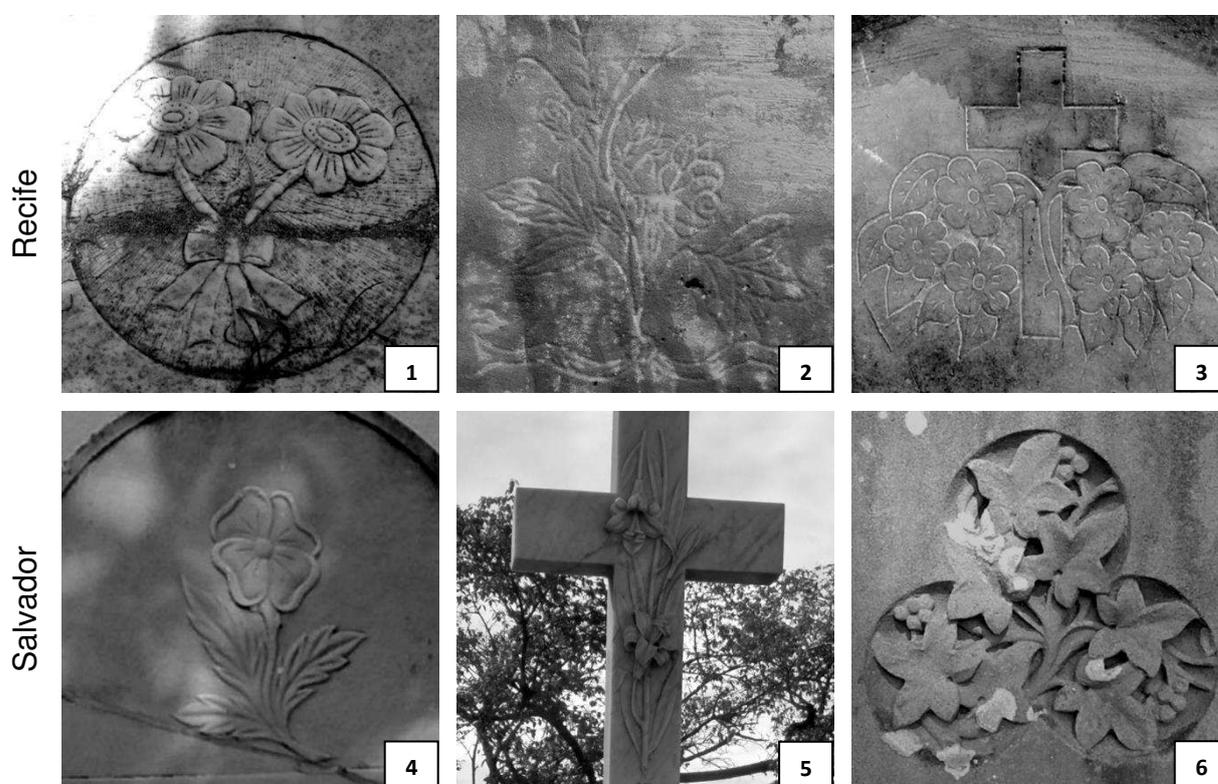
A pomba também é mencionada em diferentes momentos da Bíblia, como no livro de Gênesis, narrando a história de Noé e o fim do dilúvio. Neste capítulo, a pomba está segurando folhas de oliveira com o bico. Em outro momento, nos livros dos Evangelhos, a ave aparece no batismo de Jesus, quando o Espírito Santo desce em forma de pomba. O epitáfio apresenta apenas informações da pessoa falecida.

Quanto às representações visuais fitomorfas, foi notada uma grande variedade dessas figuras em ambos os cemitérios, como coroas de flores, molduras dos epitáfios com folhas, flores com laços e frutas (Figura 39). As imagens fitomorfas são as mais recorrentes nos túmulos analisados, contendo 36 exemplos das representações.

Durante a pesquisa, houve uma dificuldade na identificação das espécies das flores presentes nos cemitérios, e apesar de cada tipo de flor possuir significado, é possível apontar sentidos em comum nestas representações no contexto fúnebre. Araújo (2014) explica que no cristianismo todas as plantas no ambiente cemiterial partilham do mesmo sentimento, de representar algo sagrado.

Na Figura 39, pode-se observar a variedade de como estas flores, folhas e ramagens se apresentam nos túmulos de Recife e em Salvador. A imagem 1 pertencente a dois indivíduos que faleceram em 1925 e 1956, com epitáfio em francês e do gênero informativo; e a imagem 2 de 1885, também com epitáfio informativo no idioma alemão, são exemplos de flores que estão acompanhadas de fitas. Também se encontram flores acompanhadas de uma cruz entre as flores (imagem 3, com data de 1933), e há aquelas flores mais simples, sem muitos adornos, como exemplifica a imagem 4 (data de 1927).

Figura 39: Flores em Recife e Salvador



Fonte: O autor.

O lírio no cemitério representa inocência e castidade (AUSTRALIA, 2004), é uma expressão de pureza comumente usada em túmulos de crianças ou de mulheres, assim como o túmulo da imagem 5, pertencente a uma criança uruguaia que faleceu aos oito anos de idade. Mesquita e Monteiro (2022) também falam que o lírio-asteca, semelhante ao que está representado no túmulo, é associado a São Tiago, padroeiro de Montevidéu.

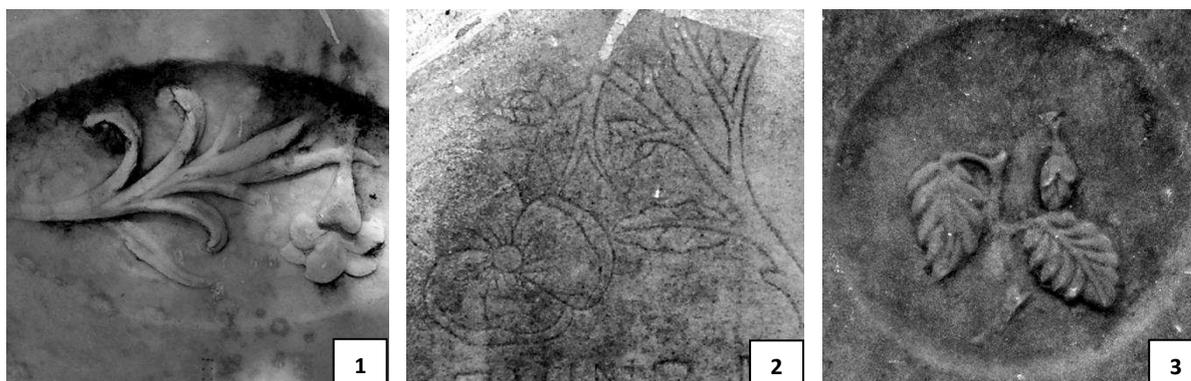
A imagem 6 se assemelha com representações de hera em túmulos, que teve como significado no período romântico de fidelidade, amizade e afeição. Porém, no

século XIX, a hera esteve presente nos túmulos associada a ruínas, popularizando-se na literatura gótica (MESQUITA & MONTEIRO, 2022). Entretanto, pela forma que esta representação fitomorfa está gravada, torna-se difícil afirmar que seja realmente uma hera.

A Figura 40 é outro exemplo da representação fitomorfa. A imagem 1 (data de 1875) e a imagem 2 (1901), são flores caindo e com o caule quebrado. Já a imagem 3 apresenta um gomo de uma flor em posição invertida, ou seja, um botão de uma flor que ainda não chegou a desabrochar e também se encontra com o caule quebrado. Assim como uma coluna quebrada representa a vida interrompida, essas flores também indicam o fim da vida (CAVE HILL CEMETERY, 2023).

A imagem 3 (1867), apresenta o túmulo de um bebê. A imagem gravada de um botão de flor com caule quebrado faz menção não apenas ao fim da vida, mas também à morte prematura.

Figura 40: Flores com caules quebrados em Recife

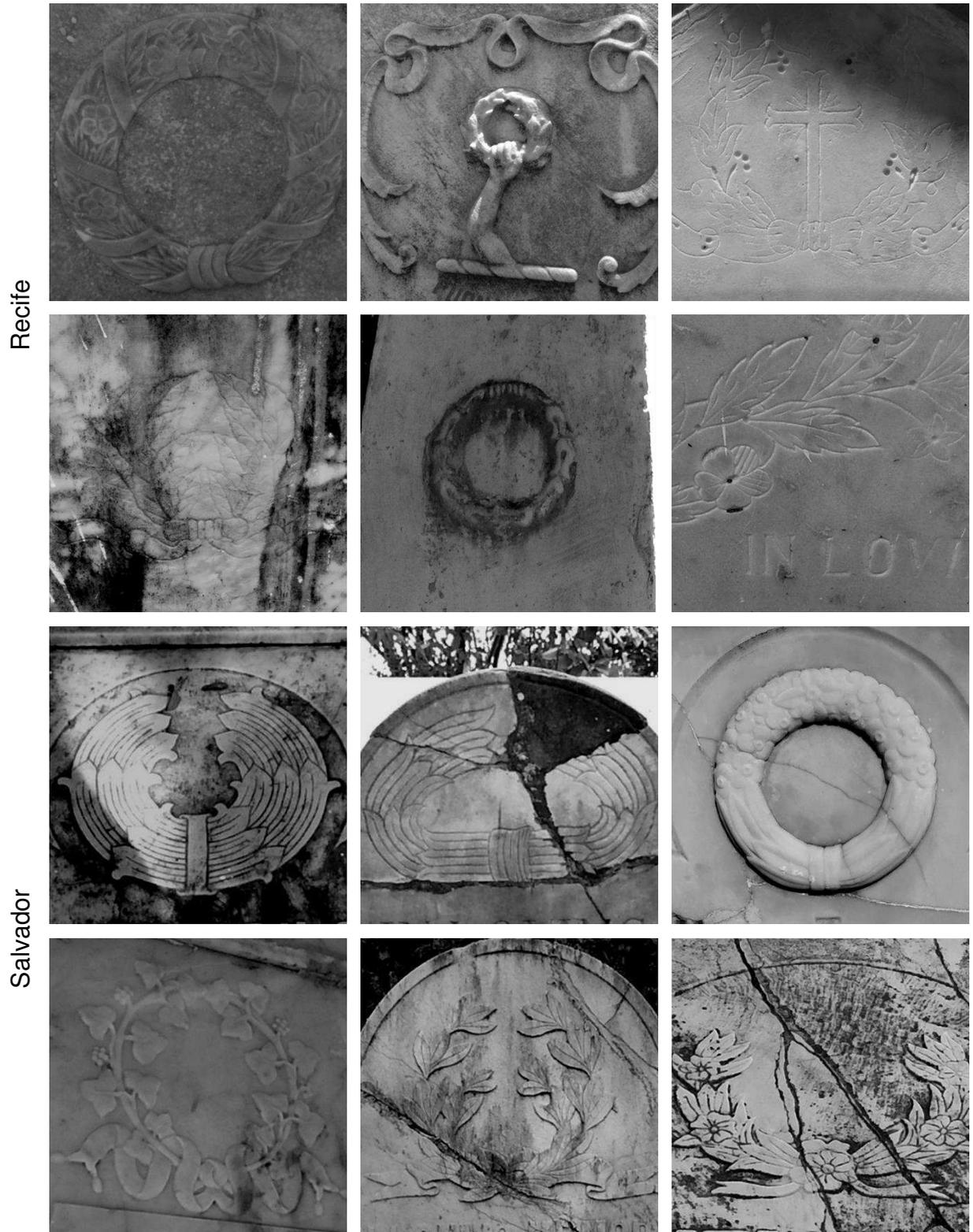


Fonte: O autor.

Outra categoria dentro das representações fitomorfas bastante recorrente em ambos os cemitérios, representa os ornatos circulares florais (Figura 41). Durante a pesquisa, observou-se diferentes formas de nomear este tipo de imagem, como coroa de flores, guirlanda, grinalda, festão, entre outras.

Os ornatos circulares florais são das mais recorrentes representações imagéticas nos cemitérios em questão. Em Recife, foram contabilizados nove túmulos (de 1854 a 1932), enquanto em Salvador (de 1888 a 1958) esta quantidade é superior, sendo identificados 20 túmulos com os ornatos circulares.

Figura 41: Ornato circular floral em Recife e Salvador



Fonte: O autor.

Como mostra a Figura 41, esses ornatos possuem diferentes formatos, desde traços mais orgânicos a traços geométricos, sendo todos os geométricos com datas

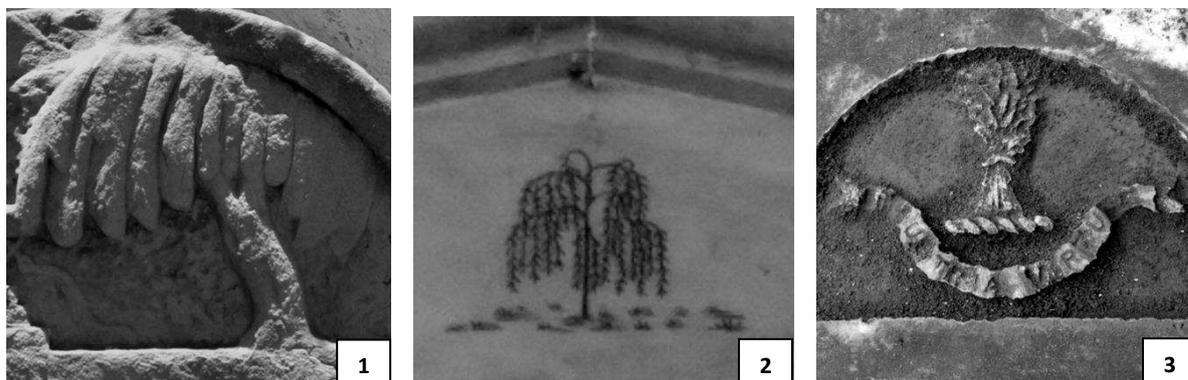
de falecimento do século XX. Alguns formam um círculo fechado, outros com abertura na parte superior. Também nota-se que algumas das representações estão acompanhadas com uma fita na parte inferior. Percebe-se que há ornatos com imagens de cruzes e outros ornatos que não possuem flores, apenas folhagens.

A esses ornatos circulares são atribuídos variados significados. Alguns autores explicam que estas imagens representam vitória e salvação (ARAÚJO, 2014; CAMPOS & ROSA, 2022; COMUNALE, 2020; DALMÁZ, 2000). Além disso, atribuem o significado de saudade, o que explicaria o uso de coroa de flores em funerais (ARAÚJO, 2014; DALMÁZ, 2000).

A Figura 42 (imagens 1 e 2), mostra dois túmulos com a presença da árvore salgueiro-chorão (ou apenas chorão, como é conhecida em português e em inglês: *weeping*) no cemitério de Recife, apenas foi possível identificar a data de falecimento: o ano de 1870. Pelo formato que esta árvore apresenta, com ramos inclinados, é possível associar ao choro, transmitindo sentimento de desolação (COMUNALE, 2020; LEITE, 2000; SANTOS, 2015).

Ainda no cemitério recifense, foi identificada a imagem de alcachofra (Figura 42, imagem 3), que, de acordo com Comunale (2020), é conhecida como a flor da saudade, que pode vir ou não acompanhada de outras figuras. Esta foi a única encontrada nos cemitérios, com data de falecimento de 1845, e seu epitáfio, do gênero informativo, discorre sobre a profissão do falecido.

Figura 42: Chorão e alcachofra em Recife



Fonte: O autor.

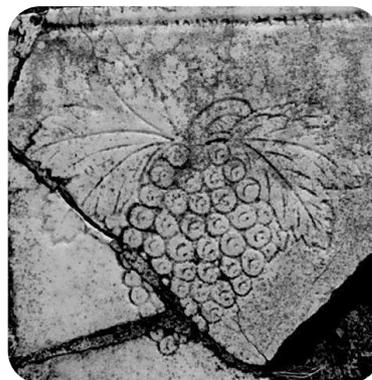
A Figura 43 apresenta as imagens de frutas gravadas em túmulos de Recife e Salvador. Uma dessas representações gráficas é um caju ainda preso ao galho.

A pessoa a quem pertence o túmulo nasceu no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Norte, e faleceu em 1899. O seu nome não se assemelha com os nomes ingleses, permanecendo a dúvida sobre a relação da pessoa com os ingleses ou com a igreja anglicana. Contudo, vale destacar que existe uma crença em relação ao caju. Segundo pesquisa etnográfica de Pereira e Messias (2010, p. 2) realizada no Ceará, é atribuído a esta fruta o “poder curativo, protetor, purificador e [...] que sonhar com caju significa tranquilidade, colher a castanha significa alegria no lar, comer castanha anuncia projetos que não se realizarão e chupar o caju significa despreocupação”. Segundo Comunale (2020), o uso de representações fitomorfas também pode indicar a atuação profissional do falecido. Por exemplo, as representações do café indicando plantação e colheita dos grãos dessa planta. Seguindo este princípio, se pode deduzir que a imagem do caju representa o cultivo desta fruta como meio de subsistência ou produto para comercialização.

Figura 43: Frutas em Recife e Salvador



RECIFE



SALVADOR

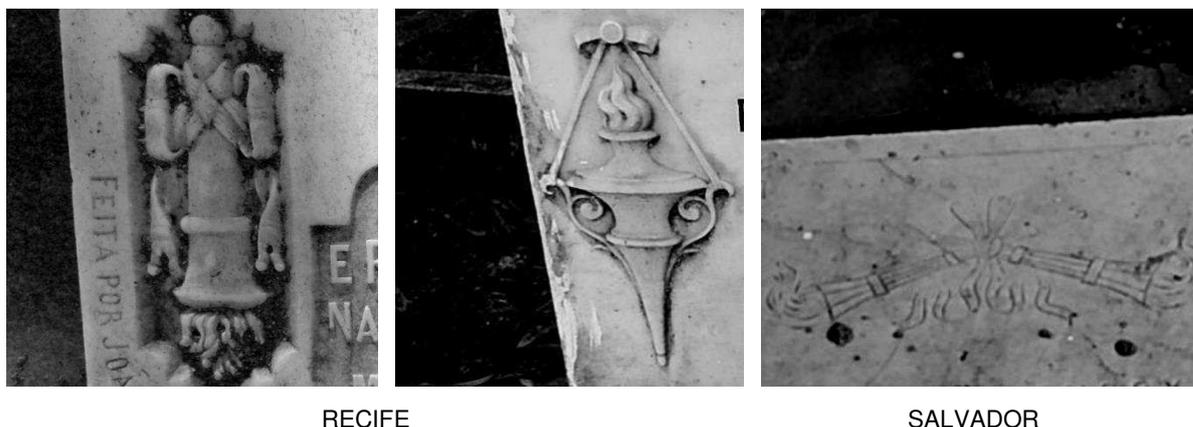
Fonte: O autor.

No cemitério de Salvador também foi encontrado um túmulo com imagem de fruta, sendo este um cacho de uvas (datado de 1879). Diferentes significados são atribuídos a essa fruta como ideias religiosas, entre elas milagres e abundância de Cristo (AUSTRALIA, 2004). No contexto bíblico, a videira, planta que produz a uva, é comparada à boa esposa que traz alegria para a família. Ela também aparece como sendo o próprio Jesus e seu pai, o agricultor que cultiva as boas uvas (DALMÁZ, 2000). Israel também é comparado à videira, como sendo propriedade de Deus. Este último, se destaca pelo contexto do túmulo, e apesar dos danos na lápide, que torna difícil se identificar o que seu epitáfio descreve, é possível visualizar inscrições em

hebraico, e também a sua localização reafirma que o falecido era um homem judeu. Vale destacar outro possível significado para o uso desta representação: que assim como o caju e outras frutas, seu uso também pode se dar pela atividade profissional do indivíduo em vida.

As representações dos artefatos aparecem nos cemitérios em quantidade significativa. Para além do que já se conhece e que está presente em todos os cemitérios cristãos no Brasil, como a representação da cruz, outro exemplo de representação gráfica de artefatos nos túmulos que foi observado nos cemitérios dos ingleses é a tocha de fogo (Figura 44). Foram identificados cinco túmulos com tochas no cemitério de Recife, e em Salvador, apenas um túmulo, datado de 1885 a 1930.

Figura 44: Tochas em Recife e Salvador



RECIFE

SALVADOR

Fonte: O autor.

As representações das tochas variam entre posições convencionais e invertidas, com laços e fitas, e sempre acesas. Os significados para essa representação também podem ser diversos. Lima (1994) explica que as tochas têm o intuito de representar a consumação dos tempos. Elusta (2008, p. 66) afirma que “as tochas e piras simbolizam a purificação e a iluminação pelo fogo”. Para Comunale (2020, p. 156) a tocha “acesa com as chamas para cima representa a eternidade, virada para baixo representa o fim da vida”. Ou seja, a tocha é um símbolo que está intrinsecamente ligado à morte, que pode significar o fim da vida, a luz e a guia para a alma que nunca morre, uma vida eterna para além da vida terrena e física.

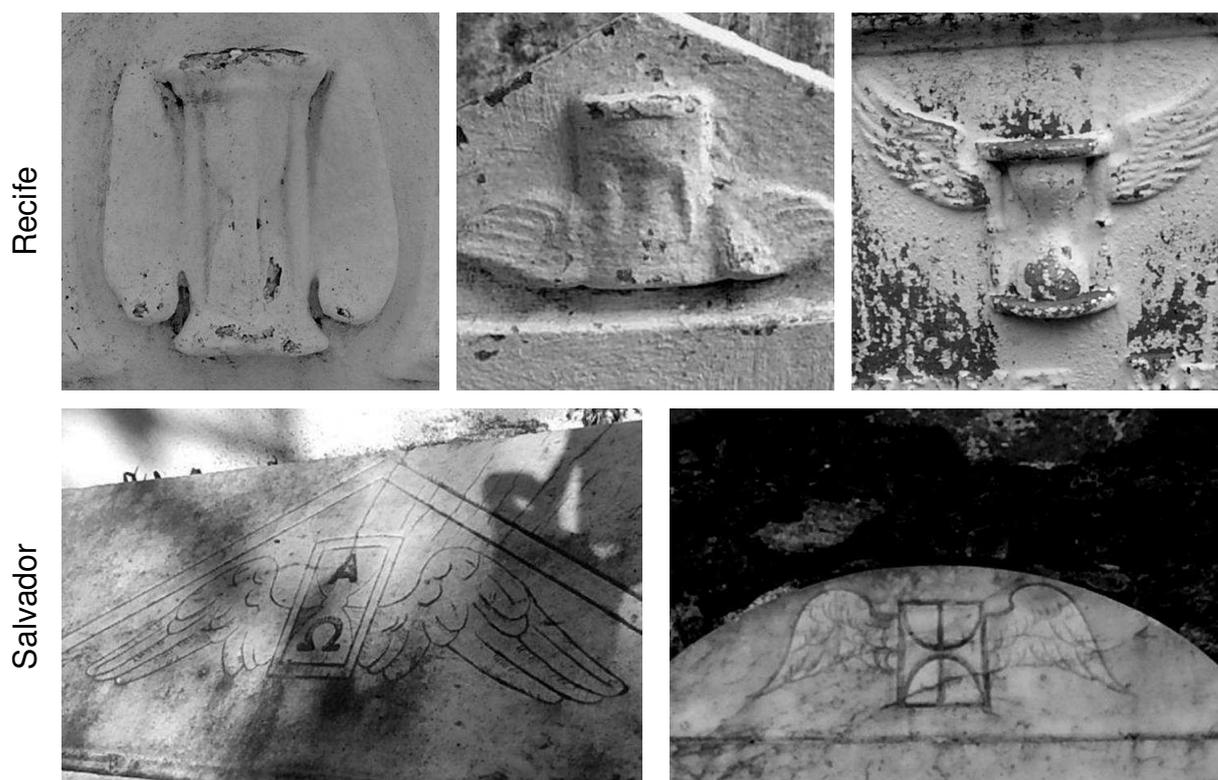
Também há representações de ampulhetas nos cemitérios pesquisados: três túmulos em Recife e dois no cemitério de Salvador, como mostra a Figura 45. Todos

os túmulos identificados com as imagens de ampulheta, nos quais foi possível visualizar a data de falecimento, datam da primeira metade do século XIX.

Quanto ao significado do uso de imagens de ampulheta em túmulos, Comunale (2020), Araújo (2014) e Campos e Rosa (2022) explicam que essa imagem representa a contagem do tempo terrestre, a efemeridade da vida, e comunica que o tempo finda para todos os indivíduos. Comunale (2020) também menciona que esta imagem pode vir acompanhada de asas de anjos ou morcegos, o que reforça o quão a vida é passageira.

Outra interpretação sobre o seu significado, de acordo com Campos e Rosa (2022), é que ao finalizar o tempo da ampulheta, pode se iniciar uma nova contagem, o que pode ser interpretado como passagem contínua entre o céu e a terra.

Figura 45: Ampulhetas em Recife e Salvador



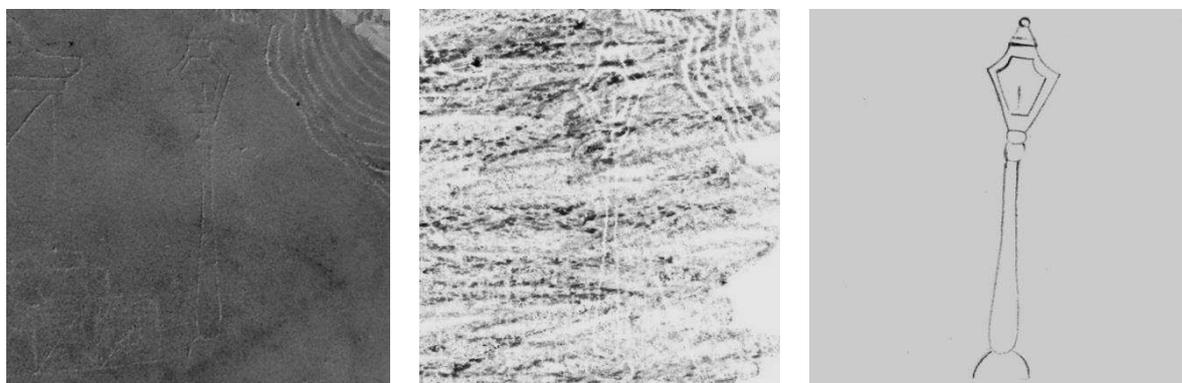
Fonte: O autor.

Outra imagem que se refere à profissão do indivíduo em vida no cemitério de Recife é a de um lampião (Fig. 46). Seu epitáfio deixa claro o motivo do uso desta imagem, contendo a seguinte inscrição:

“EX GERENTE DA EMPRESA DO GAZ
LEMBRANÇA DOS ACCENDEDORES DE LAMPEÕES DA MESMA EMPRESA”

Este túmulo, com o ano de falecimento de 1900, apresenta nas laterais da lápide imagens de postes de metal com lampiões, enfatizando a ocupação do falecido. A Figura 46 apresenta a imagem do poste de lampião obtida por meio de fotografia, decalque e desenho feitos à mão, pois as inscrições na rocha apresentam desgaste que dificultam a visualização.

Figura 46: Lampião em túmulo no Recife e os desenhos feitos pelo pesquisador



Fonte: O autor.

A Figura 47, no cemitério de Recife, mostra a imagem de urna funerária em chamas, acompanhada de fita e folhagens. Comunale (2020) descreve a urna como uma representação da separação do corpo e da alma e de proteção do corpo do falecido. Pode vir acompanhada de flores, representando a ressurreição. Outros significados também são atribuídos à urna funerária, como significado de luto (AUSTRALIA, 2004). Quando a urna apresenta chamas de fogo, como é o caso da imagem registrada, tem o sentido de lembrança eterna (CAVE HILL CEMETERY, 2023).

Figura 47: Urna Funerária no cemitério de Recife



Fonte: O autor.

Figuras relacionadas às atividades marítimas também estão presentes no cemitério, estas em Recife, onde apresentam imagem de navio e de âncora.

O navio no ambiente cemiterial pode significar a jornada humana pela vida (CAVE HILL CEMETERY, 2023). Rezende (2007) faz menção à última viagem ou à travessia para outra margem conduzida pelo barqueiro Caronte, figura da mitologia grega que conduz as almas para o lugar dos mortos.

O epitáfio da imagem da Figura 48 não deixa claro se o indivíduo executava ofícios marítimos, mas informa que era engenheiro-chefe e que seu pai era capitão. Logo, pode haver possibilidade de essas ocupações terem relações com serviços navais.

Quanto ao uso de âncora (Figura 48), Rezende (2007) fala que a imagem outrora era usada pelos católicos no intuito de representar uma cruz durante o período de perseguição aos cristãos. Dalmáz (2000) explica que a âncora está associada à ideia de firmeza e segurança, remetendo à sua função real como instrumento de navegação, mas que, além disso, no cristianismo também significa fé, esperança, constância e felicidade. Porém, assim como Comunale (2020) refere-se à âncora como uma associação ao mar, estas representações presentes apenas no cemitério de Recife tratam de túmulos da Comissão Imperial de Túmulos de Guerra desenvolvidos por Max Gill (Figura 49).

Figura 48: Objetos marítimos em Recife



Fonte: O autor.

Figura 49: Emblemas desenhados por Max Gill



Fonte: Walker (2020).

Como mostra a Figura 49, Gill desenvolveu vários emblemas relacionados com a nacionalidade e a função dos atuantes na guerra. No cemitério de Recife, se encontram as lápides de três homens com o emblema de âncora, o que significa que estas pessoas atuaram nas funções marítimas das guerras.

A representação de cálice, em Salvador (Figura 50), que também contempla a imagem de uma cruz, possui significado cristão e está relacionada ao vinho, que simboliza o sangue de Jesus, o que indica o sacrifício de Jesus sobre a cruz, cultuado na Santa Ceia e na Eucaristia em memória de Cristo (CAVE HILL CEMETERY, 2023; AUSTRALIA, 2004).

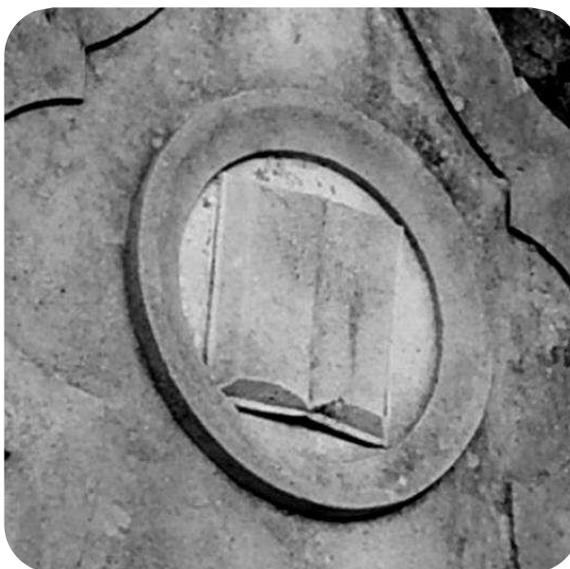
Figura 50: Representação de cálice em Salvador



Fonte: O autor.

Assim como o cálice, a representação do livro no cemitério de Salvador (Figura 51) aparece como umas das imagens menos recorrentes, contendo também apenas uma gravação na lápide. Tendo como data de falecimento a década de 1850, o túmulo mostra um livro aberto que, de acordo com Comunale (2020), significa que o falecido enquanto em vida foi íntegro, seguindo os mandamentos cristãos. O livro também representa a bíblia, conhecimento e até mesmo a atuação profissional do indivíduo, como escritor ou livreiro (REZENDE, 2007; CAVE HILL CEMETERY, 2023; AUSTRALIA, 2004).

Figura 51: Imagem de livro em Salvador



Fonte: O autor.

A Figura 52 ilustra os dois únicos exemplos de brasões em ambos os cemitérios pesquisados, que datam falecimentos de 1876 e 1910. Comunale (2020) explica que os brasões são utilizados nos túmulos para indicar títulos de nobreza. Também são usados para significar o país de origem da pessoa falecida (CAVE HILL CEMETERY, 2023).

O brasão mostrado no cemitério de Recife mostra duas representações de cachorros, mais especificamente o cachorro galgo em posição rampante, ou seja, erguidos sobre as patas traseiras e patas dianteiras levantadas, corpo de perfil e com coleira. Este animal está presente em diversos brasões de famílias e de cidades com estas características, como por exemplo, quando usado por famílias reais britânicas em séculos passados, e, mais recente, nas moedas do Reino Unido. Quanto ao significado da representação do cachorro galgo em brasões, são descritas como fidelidade e lealdade (UNITED KINGDOM, 2020).

Com as informações contidas no túmulo do falecido, não é possível afirmar a sua nacionalidade; entretanto, o epitáfio se encontra com inscrições em alemão, o que possivelmente pode ser seu país de origem, além do galgo também ser inserido em brasões de cidades alemãs e de seus nobres (REIS, 2010).

Figura 52: Brasões nos cemitérios de Recife e Salvador



RECIFE

SALVADOR

Fonte: O autor.

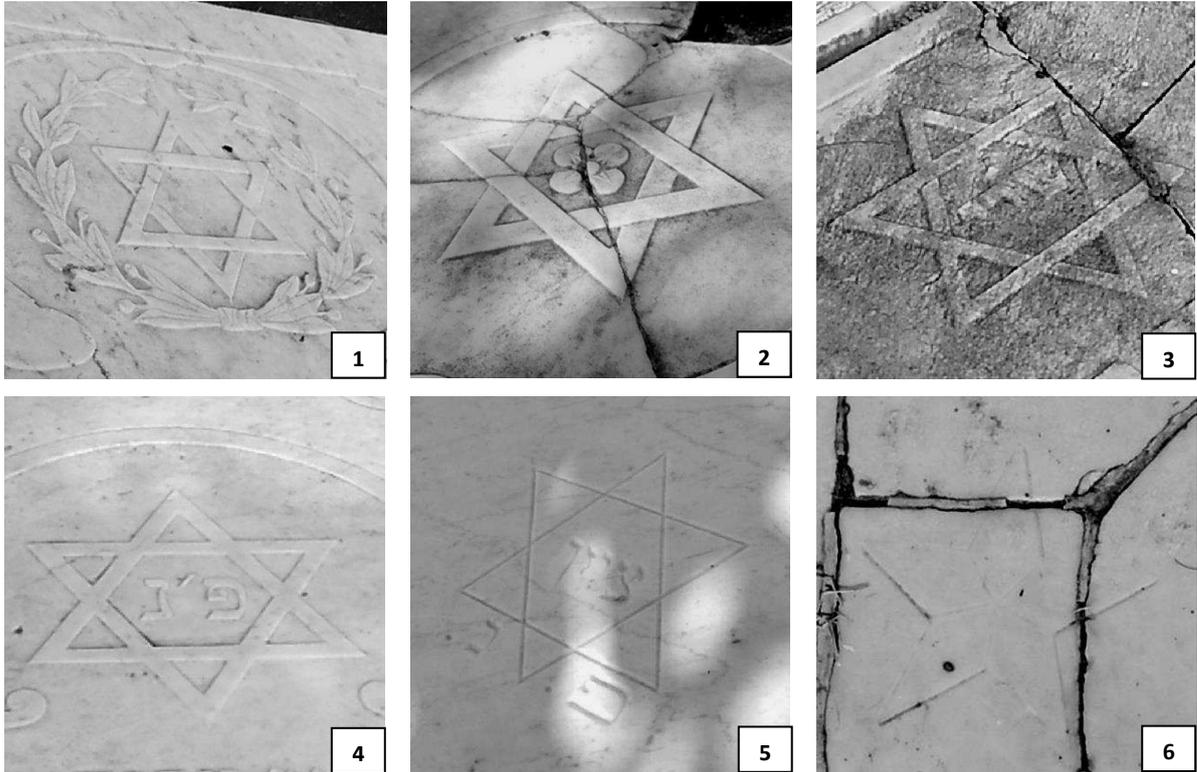
Das imagens categorizadas como ‘símbolo’, a estrela aparece como a mais recorrente e é encontrada apenas no cemitério de Salvador (Figura 53). Foram contabilizados 13 túmulos com estrelas, entre elas, pentagrama e hexagrama. Todos os túmulos que foram possíveis identificar as datas, constam como falecimento no século XX, sendo o mais antigo datado de 1955, e todos estes túmulos com estrelas encontraram-se na ala judaica do cemitério baiano.

As representações de estrelas se apresentam de diferentes formas, acompanhadas de ornato circular floral (imagem 1), flores (imagem 2), inscrições (imagem 3 – 5) ou isoladas (imagem 6).

Estes túmulos com estrelas e inscrições dentro ou em seu entorno, estão em hebraico, e em sua maioria acompanha a inscrição “ פ'נ' ”, abreviação para P. N., traduzido para o português como “aqui jaz”

A estrela hexagrama, conhecida como Estrela de Davi, é usada para representar o judaísmo, um símbolo internacional dos judeus (COMUNALE, 2020; CAVE HILL CEMETERY, 2023). A imagem 6 se diferencia da estrela judaica, é um pentagrama, e, de acordo com Rezende (2007), seu significado é simplesmente a iluminação na escuridão. Porém, possivelmente este túmulo com a estrela de cinco pontas também foi utilizada para indicar que o falecido era judeu, assim como fica nítido no seu epitáfio, em hebraico, e a ala em que o indivíduo foi sepultado.

Figura 53: Estrelas em Salvador

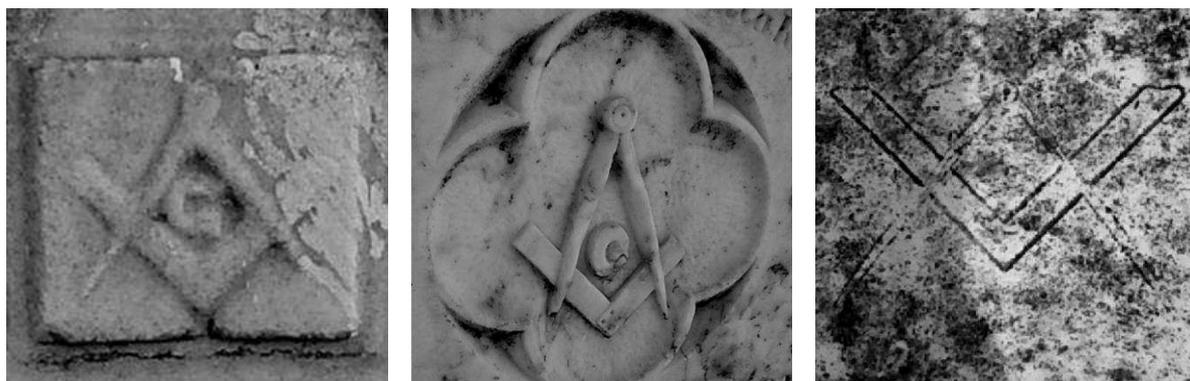


Fonte: O autor.

Três túmulos com imagens de compasso são encontrados nos cemitérios pesquisados. Apesar de ser um símbolo da arquitetura, esta representação geralmente é utilizada em túmulos como um indicativo que o falecido fazia parte da organização fraterna da maçonaria (Figura 54). Neste símbolo, além do compasso aberto e em pé, sobrepõe-se o esquadro e a letra G entre os instrumentos de desenho.

Esses túmulos datam o falecimento dos indivíduos na segunda metade do século XIX (túmulos de Salvador) e começo do século XX (túmulo de Recife).

Figura 54: Compasso maçônico



RECIFE

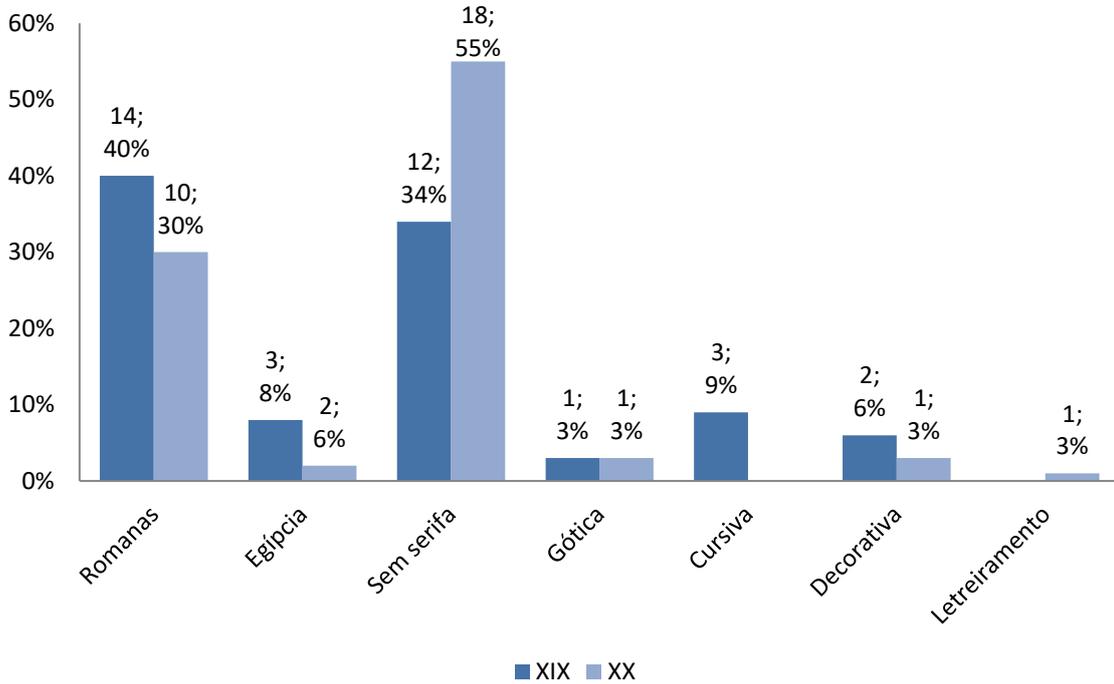
SALVADOR

Fonte: O autor.

4.4 Considerações dos Resultados

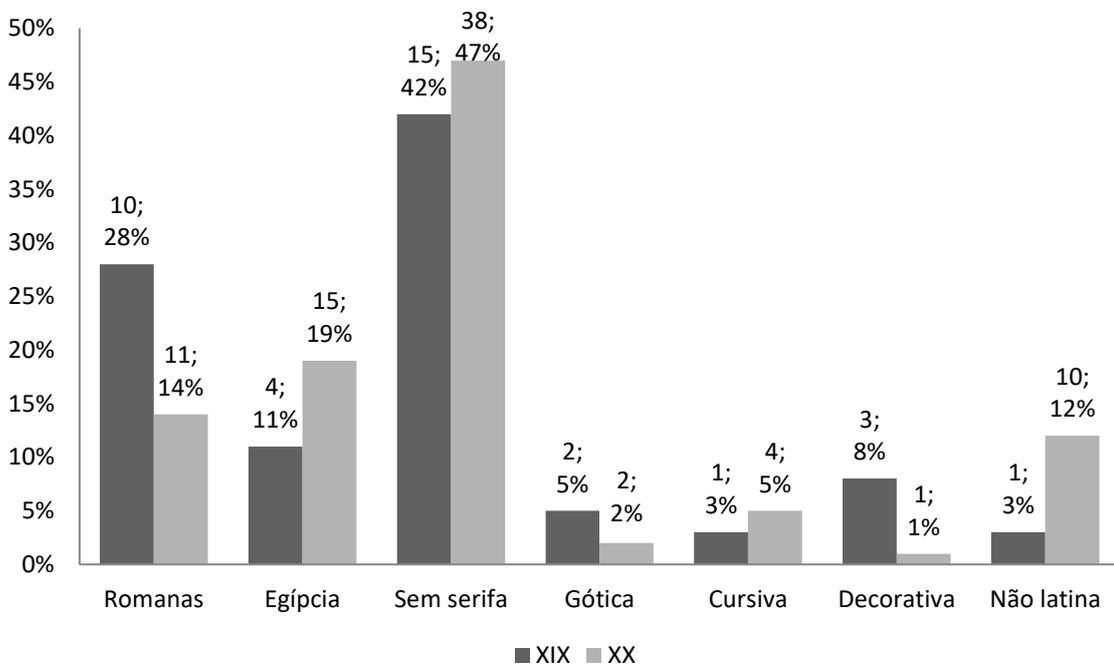
Com as observações realizadas nos cemitérios dos ingleses em Recife e Salvador, pode-se observar, pelos Gráficos 11 e 12, a recorrência de cada estilo tipográfico que foram identificados e o contraste quantitativo entre o século XIX e o século XX. Nota-se então, que ao longo do tempo, o uso de tipografias sem serifas tornou-se preferência na aplicação nos túmulos. Observa-se também que, no cemitério de Recife, tipografias que possuem mais detalhes e traços, como as romanas, as egípcias e as cursivas, diminuíram ou até mesmo não foram contabilizadas no século XX, enquanto em Salvador, as egípcias e as cursivas têm uma quantidade maior no século seguinte.

Gráfico 11: Uso recorrente das tipografias por décadas do século XIX e XX em Recife



Fonte: O autor.

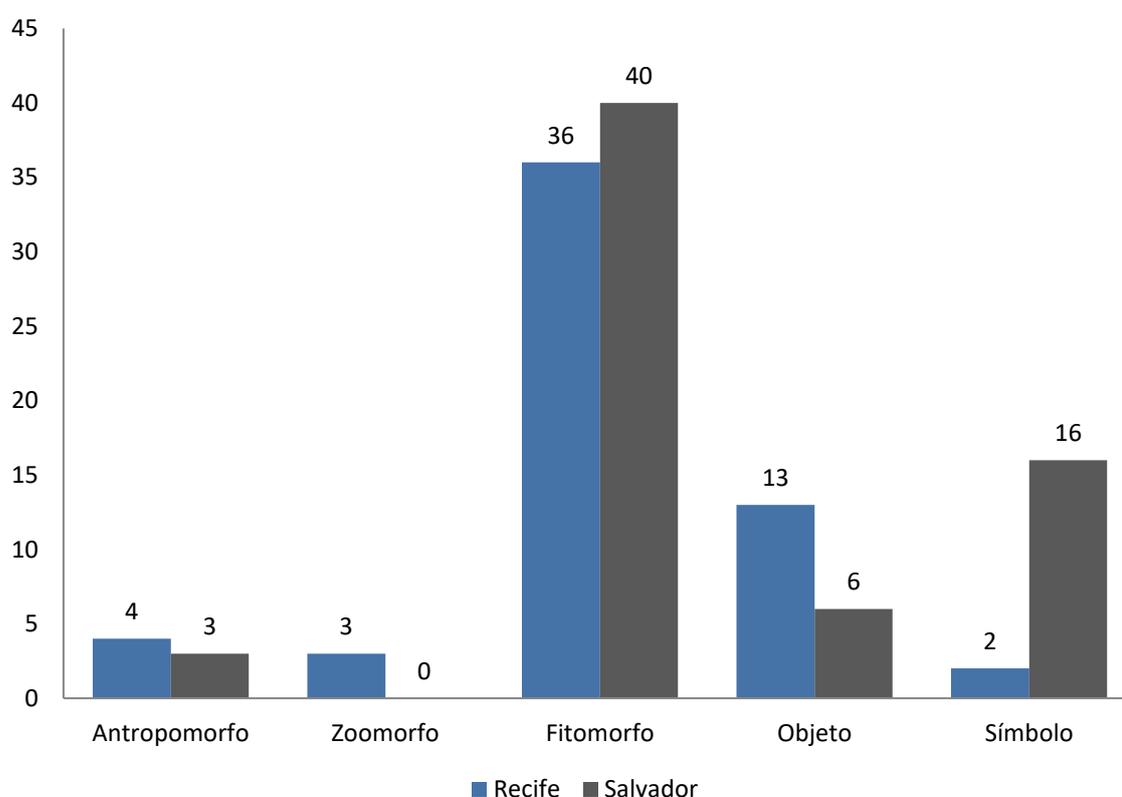
Gráfico 12: Uso recorrente das tipografias por décadas do século XIX e XX em Salvador



Fonte: O autor.

No que tange às imagens, o Gráfico 13 mostra a recorrência de cada categoria das imagens no cemitério de Recife e Salvador. É possível ver que no topo da recorrência, para ambos os cemitérios, aparece a classificação fitomorfa. Esta quantidade se diferencia entre os cemitérios: as representações de objetos ficam na segunda posição em Recife, e em terceiro em Salvador. Os símbolos estão em quantidade significativa no cemitério baiano, com 16 túmulos, sendo a segunda classificação mais recorrente no local, e a menor classificação de Recife.

Gráfico 13: Recorrência das imagens em Recife e Salvador



Fonte: O autor.

Quanto às imagens antropomorfas, estão no quantitativo próximo um do outro, mas em menor número, sendo quatro túmulos em Recife e três em Salvador. O mesmo ocorre com a categoria zoomorfa, tendo três túmulos em Recife, porém, não foi identificado nenhuma imagem gravada no Cemitério dos Ingleses de Salvador.

Nota-se que mesmo as tipografias e imagens mais recorrentes nos cemitérios dos ingleses, elas possuem aspectos singulares. São diferentes tipos de letras romanas e sem serifas, assim como as inscrições em hebraico também se diferem

uma da outra. Algumas imagens não se distanciam desse aspecto, como por exemplo: as representações de flores, sendo a categoria fitomorfa mais diversa observada em ambos os cemitérios; também a estrela de Davi, com os traços em suas larguras diferentes, estando sozinha ou acompanhada de outras representações imagéticas ou tipográficas.

CAPÍTULO V

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura nos mostra o quão ricos em obras são os cemitérios, por isso os chamam de museus a céu aberto. Nesta pesquisa, foi possível notar uma parte da riqueza visual e histórica que guardam esses espaços, mais especificamente, os cemitérios dos ingleses no Nordeste brasileiro, por meio de análise que corresponde a 112 túmulos, sendo 51 em Recife e 61 em Salvador, no período do século XIX ao século XX, sendo identificadas as datas de falecimentos entre 1834 e 1959, que possivelmente são condizentes com a construção das lápides nos cemitérios estudados.

A metodologia aplicada neste estudo se mostrou válida desde a aplicação do teste-piloto das fichas de análise gráfica. Apesar da ausência de trabalhos que discorrem sobre o tema, a adaptação de fichas utilizadas em outras pesquisas sobre cemitério e design gráfico contribuíram para a análise gráfica dos túmulos.

Quantos aos resultados, foi possível alcançar os objetivos estabelecidos, no qual verificou-se que, em alguns aspectos, ambos os cemitérios compartilham de características em comum, como na tipologia arquitetônica e nos gêneros dos epitáfios que aparecem em quantidades semelhantes, apesar do número de túmulos ser diferente. Assim também o são nas disposições das tipografias, sendo sua maioria em posição linear. Sua composição em maior número também se encontra em caixa-alta e com alinhamento centralizado nas lápides.

Em outros pontos das tipografias, o estudo demonstrou que os dois cemitérios se diferenciam, com quantidades e estilos que não se encontram em ambos, como, por exemplo, os relevos: enquanto em Recife predominam textos em baixo-relevo, em Salvador, no *corpus* da pesquisa, o quantitativo maior é o alto-relevo. Em Recife, não foi encontrado nenhum túmulo com tipografias não latinas. Isso se dá pela quantidade de judeus sepultados no cemitério de Salvador, enquanto a população judaica obteve outros espaços e cemitérios próprios na capital pernambucana. Assim também foi para o letreiramento informal, presente apenas em Recife.

A pesquisa também revelou diferenças em ambos os cemitérios, características que predominam no século XIX, e outras no século XX. Para compreender essa predominância das tipografias, foi necessário analisar os cemitérios por meio da

porcentagem dos sepultamentos em cada século, visto que no século XIX encontram-se menos pessoas sepultadas.

Desta forma, em Recife, foi possível visualizar que, no século XIX, o uso de tipografias romanas, cursivas, egípcias e decorativas era mais recorrente, quando comparado ao percentual do uso desses estilos no século seguinte, passando a predominar a tipografia sem serifa, o estilo tipográfico de traços mais básicos e que predominou no design do século XX.

Em Salvador, tanto no século XIX quanto no XX, o estilo tipográfico que predominou foi o sem serifa, com significativo aumento no século XX. Ainda há outras diferenças, por exemplo, em Recife: mesmo com o uso de tipografias romanas em menor quantidade no século XX, houve um aumento da aplicação das egípcias e cursivas. Apesar das variações nas aplicações tipográficas nos cemitérios dos ingleses em Recife e Salvador, ao longo dos anos houve uma preferência por tipografias romanas e sem serifas, sendo esta última a mais recorrente. Ademais, o número de tipografias com adornos é mais recorrente no século XIX, em ambos cemitérios. Posteriormente, houve uma diminuição.

No que se refere às imagens, observou-se uma variedade de representações que trazem significados sobre suas crenças e origens, sobre a profissão do indivíduo sepultado, além de imagens que representam a morte, a tristeza e a esperança de vida eterna.

As flores são as imagens mais recorrentes em Recife e Salvador, e, apesar das dificuldades na identificação das espécies, foi a classificação com mais características diferentes entre os túmulos com o uso de imagens fitomorfas. Outras representações apresentam características semelhantes, como: a estrela de Davi, sendo a segunda classificação mais comum em Salvador, utilizada pelos judeus; o uso de tochas e ampulhetas, o compasso e o esquadro dos maçons, estando na classificação de objetos como as representações de maior quantidade nos túmulos.

Alguns túmulos, por suas imagens, tornam-se mais fáceis de compreender o significado da representação imagética. Porém, outros demandaram análises também por meio dos epitáfios. Dessa forma, pode-se considerar que os epitáfios reforçam ou auxiliam na compreensão da escolha de tais imagens gravadas nas lápides. No que concerne às imagens que não são comuns nas discussões de outras pesquisas, além do epitáfio, que apresenta poucas ou até mesmo nenhuma informação, seja pelo

gênero do texto ou pelos desgastes dos caracteres, foi necessário esclarecer possíveis significados.

Como desdobramentos futuros, espera-se ampliar a análise para outros cemitérios, como os de diferentes nacionalidades, a exemplo dos cemitérios de imigrantes alemães no Brasil. Também há potencial para a análise de cemitérios católicos de imigrantes ou daqueles cemitérios em que há concentração de indivíduos brasileiros.

REFERÊNCIAS

AIRES, Anderson Pires; MACEDO, Jamila Lima. Arquitetura Cemiterial: proposta para ficha de inventário. **Anais do 9º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**, Porto Alegre, p. 439-456, 2020.

AMBROSE, Gavin; HARRIS, Paul. **Tipografia**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

ARAÚJO, Thiago Nicolau de. Hermenêutica e cemitérios: um olhar sobre o cemitério da santa casa em porto alegre. **Ciencias Sociales y Religión**, n. 20, p. 82-95, jun. 2014.

ARIÈS, Philippe. **A história da morte no ocidente**: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARNOLD, Paul. **O livro dos mortos dos maias: a escrita maia decifrada**. São Paulo: Hemus, 2005.

AUSTRALIA. Government of South Australia. Department for Environment and Heritage. **Historic South Australian Graves and Cemeteries**. South Australia, SA, 2004. Disponível em:

https://cdn.environment.sa.gov.au/environment/docs/historic_graves_and_cemeteries.pdf. Acesso em: 27 abr. 2023.

BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul**: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

BONSIEPE, Gui. **Design, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Blucher, 2019.

BORGES, Maria Elizia. Monumento funerário de Joaquim Nabuco e o seu brasão burguês póstumo. **Anais do 7º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**, Rio de Janeiro, p. 7-21, 2015.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de; ROSA, Mariana Antão de Carvalho. “Cada sepultura, uma história”: Arte tumular e Patrimônio no Cemitério de Conceição da Boa Vista, Recreio-MG. **Memória em Foco**, n. 26, p. 318-335, jan. 2022.

CARVALHO, Márcio Dillmann de; CHAVES, Larissa Patron. Estudo sobre simbologia maçônica nas logotipias de documentos do museu maçônico Rocco Felipe. **Seminário de História da Arte**, n. 5, p. 1-16, nov. 2015.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio**: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008). Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 210 p., 2008.

CASTRO, Elisiana Trilha. **Hierruht in Gott**: inventário de cemitérios de imigrantes alemães da região da grande Florianópolis. Blumenau: Nova Letra, 2008a. 302p.

CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti; OLIVEIRA, Claudia Alves de; SILVA, Sérgio Francisco S. M. da; PEDROZA, Igor. Práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos do sítio Serra do Evaristo I, município de Baturité, Ceará. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 16, n. 36, p. 201-227, 21 dez. 2015.

CAVE HILL CEMETERY. Cave Hill Cemetery - Heritage Foundation. 2023. Guideto Cemetery Symbols. Disponível em: <https://www.cavehillcemetery.com/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

CHAVES, Wander Marcel Barros. **Urnas Funerárias**: Os Marajoaras e suas Representações Visuais. 2021. 86 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

CLAIR, Kate; BUSIC-SNYDER, Cynthia. **Manual de tipografia**: a história, a técnica e a arte. Porto Alegre: Bookman, 2009.

COMUNALE, Viviane. **Patrimônio Funerário**: Os cemitérios históricos do Vale do Paraíba 1820-1890. 2020. 389 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho. São Paulo, 2020.

CONSTITUIÇÕES primeiras do Arcebispado da Bahia. São Paulo: Typographia, 1853.

DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus significados na arte funerária cristã no Rio Grande do Sul. In: BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 119-142.

D'ELBOUX, José Roberto. **Letras e letreiros: manifestações do Art Déco nos projetos arquitetônicos paulistanos (1925-1955)**. 2018. Tese (Doutorado em Design) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

D'ELBOUX, Jose Roberto. **Tipografia como elemento arquitetônico no Art Déco paulistano: uma investigação acerca do papel da tipografia como elemento ornamental e comunicativo na arquitetura da cidade de São Paulo entre os anos de 1928 a 1954**. 2013. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DIAS, Elizangela Nivardo. A História, a Codicologia e os Reclames. **HISTÓRICA - Revista Eletrônica do Arquivo do Estado**. v. 1, n. 4, p. 1-9, ago., 2005. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/publicacoes/revista_historica. Acesso em: 23 jan. 2022.

ELLER, Emerson Nunes. **LETRAS DO COTIDIANO: a tipografia vernacular na cidade de Belo Horizonte**. 2014. 162 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado Minas Gerais, MG. Belo Horizonte, 2014.

ELUSTA, Halima Alves de Lima. **Visita ao museu de pedra: arte no Cemitério da Saudade de Campinas – SP (1881 – 1950)**. 2008. 176 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Sistemas Visuais, Educação e Visualidade) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

ENRIQUE FINOL, José; MONTILLA, Aura M.. Rito y Símbolo: Antropo-Semiótica Del velorio en Maracaibo. **Revista de Ciencias Humanas y Sociales**, Maracaibo, v. 20, n. 45, p. 03-12, dez. 2004. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1012-15872004000300002&lng=es&nrm=iso. Acesso em 16 jan. 2022.

FARIAS, Priscila Lena. **Estudos sobre tipografia**: letras, memória gráfica e paisagens tipográficas. 2017. 215 p. Tese (Livre Docência em Design) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

FARIAS, Priscila, BRAGA, Marcos da Costa (org.). **Dez ensaios sobre memória gráfica**. 1.ed. São Paulo: Blucher, 2018.

FARIAS, Priscila; GOUVEIA, Ana Paula; DIXON, Catherine. Epígrafes arquitetônicas como elementos da paisagem tipográfica das cidades: notas para um estudo comparativo. *In*: **Anais do 10º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Luís: EDUFMA, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

FINIZOLA, Maria de Fátima Waechter. **A tradição do letreiramento popular em Pernambuco**: uma investigação acerca de suas origens, forma e prática. 2015. 174 p. Tese (Doutorado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.

FINIZOLA, Maria de Fátima Waechter. **Panorama tipográfico dos letreiramentos populares**: um estudo de caso na cidade do Recife. 2010. 154 p. Dissertação (Mestre em Design) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOUVEIA, Anna Paula Silva; FARIAS, Priscila Lena; PEREIRA, André Luiz Tavares; GALLO, Haroldo. Epígrafes arquitetônicas: assinaturas dos arquitetos e construtores da cidade de São Paulo. **Oculum Ensaios**, n. 7_9: 38-49, 2008.

GOUVEIA, Anna Paula Silva; PEREIRA, André Luiz Tavares; FARIAS, Priscila Lena; BARREIROS, Gabriela Garcia. Paisagens tipográficas - lendo as letras nas cidades. **InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, [S. l.], v. 4, n.

1, p. 1–11, 2010. DOI: 10.51358/id.v4i1.28. Disponível em: <https://infodesign.emnuvens.com.br/infodesign/article/view/28>. Acesso em: 22 jan. 2022.

GRASSI, Clarissa. Resignificando o espaço urbano: educação patrimonial no cemitério municipal São Francisco de Paula. **Paisagens Híbridas**, n. 1, v. 1, p. 90-113, 2018.

KANE, John. **Manual de Tipografia**. 8. ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2022.

LAUWERS, Michel. **O nascimento do cemitério**: lugares sagrados e terra dos mortos no Ocidente medieval. Campinas: Unicamp, 2020.

LEITE, Daniel T. Meirelles. Alegorias nos cemitérios do Rio Grande do Sul. In BELLOMO, Harry R.(org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul**: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: Edipucs, 2000, p. 143-160.

LIMA, Tania Andrade. De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais). **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 87-150, 1994. DOI: 10.1590/S0101-47141994000100010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/5297>. Acesso em: 05 jan. 2022.

LUPTON, Ellen. **Pensar con tipos**: una guía clave para estudiantes, diseñadores, editores y escritores. Barcelona: Gustavo Gili, 2011.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Maria. **Metodologia Científica**, 8ª ed. Barueri: Atlas, 2022.

MARTINS, Bruno Guimarães. **Tipografia Popular**: potências do ilegível na experiência do cotidiano. 2005. 105 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Belo Horizonte, 2005.

MARTINS; Fernanda de Oliveira. Letras que Flutuam: tradição cultural e memória gráfica da Amazônia. **Trama: indústria criativa em revista**, v. 7, n. 1, p. 37-56, nov. 2019.

MEGGS, Philip; PURVIS, Alston. **História do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

MESQUITA, Sandra; MONTEIRO, Gisela. **Flores de pedra**. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2020.

MUNARI, Bruno. **Design e comunicação visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NIEMEYER, Lucy. **Tipografia: uma apresentação**. Teresópolis: 2AB, 2010.

PEREIRA; Mariana Cunha; MESSIAS; Noeci Carvalho. O TEMPO DO CAJU: saberes de identidade constitutivos do patrimônio cultural. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, n. 43, p. 1-9, ago. 2010.

PEREIRA; Mariana Cunha; MESSIAS; Noeci Carvalho. O TEMPO DO CAJU: saberes de identidade constitutivos do patrimônio cultural. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, n. 43, p. 1-9, ago. 2010.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REIS, Norbert. **Der Jagdhund: gestern, heute, morgen**. 2010. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Jagdwirtin) – Universität für Bodenkultur Wien, Viena, 2010.

REZENDE, Eduardo. **O céu aberto na terra: uma leitura dos cemitérios na geografia de São Paulo**. São Paulo: Necrópolis, 2006.

REZENDE, Eduardo. **Cemitérios**. São Paulo: Necrópolis, 2007.

RODRIGUES, Cláudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos**: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1996.

ROYAL PARKS. The Royal Parks. 2023. **Explore Brompton Cemetery**. Disponível em: <https://www.royalparks.org.uk/parks/brompton-cemetery/explore-brompton-cemetery>. Acesso em: 01 de mar. de 2023

SANTANA, Fabíola de Jesus Soares. **A retórica fúnebre**: uma abordagem histórico-discursiva de epitáfios, obituários e memoriais virtuais. 2011. 227 p. Tese (Doutorado em Linguística), UFPE, Recife, 2011.

SANTOS, Aguinaldo dos. *et al.* Pesquisa Histórica. *In*: SANTOS, Aguinaldo dos (Org.). **Seleção de Métodos para Pesquisa em Design**: guia para pós-graduando em design e áreas afins. 1. ed. Curitiba: Insight, 2018, p. 151-176.

SANTOS, Alcineia Rodrigues dos. Epitáfios: uma visão dos vivos sobre o mundo do além. **Anais do 7º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais**, Rio de Janeiro, p. 86-100, 2015.

SANTOS, Aline Silva. **Morte e paisagem**: os jardins de memória do Crematório Municipal de São Paulo. 2015. 349 p. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, Fátima. **Dimensões e Linguagens do Design Gráfico**: seleção, organização e sobreposição das mensagens verbais e visuais veiculadas no espaço urbano. Tese (Doutora em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 134 p., 2007.

SILVA, Mary Anne Vieira; RODRIGUES, Ruber Paulo Alves. Arte tumular e patrimônio: o cemitério Santana como expressão de cultura material na cidade de Goiânia. **Revista Mosaico**, v. 12, p. 91-109, jun. 2019.

SILVA, Mary Anne Vieira; RODRIGUES, Ruber Paulo Alves. Cada sepultura, uma história”: Arte tumular e Patrimônio no Cemitério de Conceição da Boa Vista, Recreio-MG. **Revista Memória em Rede**, v. 14, n. 26, p. 318-335, 2022.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. A representação da morte em epitáfios. **ReVEL**, v. 11, n. 20, p. 9-24, 2013.

SOUZA, Camila Diogo de. **As práticas mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C.** 2010. 431 p. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TAVARES, Davi Kiermes. **Uma Necrópole Esquecida e os Valores Para a Sua Conservação:** o British Cemetery no Recife em perspectiva. 2016. 230 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

TECNOBLOG. **Tecnoblog:** tecnologia que interessa, c2018. Página inicial. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/>>. Acesso em: 05 de jun. de 2021.

THE ANGLICAN CHURCH OF CANADA. **IHS.** The Anglican Church of Canada, Toronto, 2022. Disponível em: <https://www.anglican.ca/ask/faq/ihs/>. Acesso em: 10 jan. 2022.

UNITED KINGDOM. **The Royal Mint.** The White Greyhound of Richmond. 2020. Disponível em: <https://www.royalmint.com/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

VALADARES, Paula Vivana de Rezende e. **O frevo nos discos da Rozenblit:** um olhar de designer sobre a representação da indústria cultural. 2007. 167 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2007.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

VINCENT, William Thomas. **Em busca de lápides antigas e curiosas.** São Paulo: Necrópolis, 2008.

WALKER, Caroline. **MacDonald Gill: Charting a Life.** Londres: Unicorn Publishing Group, 2020.